

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

CARLA LÍVIA REIS DIANA

**O ENSINO MÉDIO INTEGRADO E O ENSINO DE SOCIOLOGIA: A VISÃO DOS
ESTUDANTES**

VIÇOSA - MINAS GERAIS

2023

CARLA LÍVIA REIS DIANA

**O ENSINO MÉDIO INTEGRADO E O ENSINO DE SOCIOLOGIA: A VISÃO DOS
ESTUDANTES**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências para a obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais, requisito da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II (CIS 454).

Orientador: Fabrício Roberto Costa Oliveira

VIÇOSA - MINAS GERAIS

2023

À minha mãe, Valéria, meu maior amor, exemplo de tudo o que mais admiro, e
à minha irmã, Sofia, por ser a melhor parte em mim.

AGRADECIMENTOS

Durante a realização do presente trabalho, assim como ao longo de minha formação, estive ao lado de muitas pessoas com quem tive o privilégio de compartilhar momentos e aprendizados que levarei para toda a vida. Por isso, aproveito este espaço para demonstrar minha gratidão e respeito.

Agradeço à minha mãe e irmã, por me apoiarem incondicionalmente e acreditarem em meu potencial. Por meio delas pude aprender sobre honestidade, confiabilidade, amorosidade e respeito. Apesar da imensa saudade, mantiveram-se ao meu lado, me proporcionando o mais bonito dos sentimentos. Tudo o que simboliza a realização deste trabalho final reflete nossa relação, meu bem mais precioso.

À minha família, pai, avô e tias, agradeço pelo incentivo e a constante presença, que se provou mesmo com a grande distância que nos separa. Meus exemplos de esforço e dedicação, em vocês me inspiro a seguir acreditando em meus sonhos.

À minha família construída em Viçosa, Alexia, Bruna e João, sou eternamente grata pelo companheirismo e força diária. Muitos foram os momentos em que me senti perdida e desmotivada mas, o carinho e amor que me deram, garantiram toda a força necessária para seguir, vocês estão presentes em cada uma das palavras aqui escritas.

Ao meu orientador, Fabrício, nunca saberei expressar minha admiração e o quanto sou grata, em você vejo tudo o que desejo me tornar como professora. Seu comprometimento, paciência e delicadeza me guiaram durante esta jornada e, sobretudo, me ajudaram a redescobrir minha autoconfiança.

Aos amigos, colegas e profissionais da Universidade Federal de Viçosa, agradeço por cada momento juntos e por todo o apoio, não estaria aqui se não fosse cada encontro e palavra de carinho.

RESUMO

Este trabalho traz como proposta uma análise de aspectos gerais acerca do sistema de ensino público nacional, seus principais desafios e a multiplicidade de indivíduos que constituem uma instituição escolar. De maneira mais específica, é uma reflexão sobre a visão de estudantes que estão matriculados no último ano do ensino básico a respeito do ambiente que os cerca, suas implicações, e o ensino da disciplina de sociologia. Nosso trabalho foi realizado numa escola estadual de Minas Gerais em que estive relacionada ao longo da graduação. Procurou-se assim, compreender como os estudantes analisam e constroem representações sobre a escola, sua estrutura física, assim como sobre a disciplina de sociologia e a repercussão desta na vida delas, além de refletir acerca da diversidade de indivíduos que integram a instituição. Para tal, fizemos uma abordagem utilizando produções de autores de distintas áreas de conhecimento, que dialogam com a influência da escola na vida dos estudantes, as relações sociais constituídas em ambiente escolar e a disciplina de sociologia, tendo em vista sua historicidade e fundamentações como saber educacional. Metodologicamente nos valem da observação participante, aplicação de questionários, bem como do grupo focal, como alternativas para a aproximação com o cotidiano escolar destes alunos. A utilização de múltiplos métodos deu-se visando nossa reflexão sobre o espaço escolar e as representações sobre o ensino de sociologia, tencionando a compreensão da forma em que os contextos de vida destes estudantes influenciam no entendimento de suas vivências escolares, em especial sobre o ensino de sociologia.

Palavras-chave: instituições de ensino; espaço escolar; ensino de sociologia; juventude.

ABSTRACT

This work proposes an analysis of general aspects regarding the national public education system, its main challenges, and the diversity of individuals that constitute a school institution. More specifically, it reflects on the perspective of students enrolled in the final year of basic education regarding the environment around them, its implications, and the teaching of the sociology discipline. Our study was conducted at a state school in Minas Gerais, where I was involved throughout my undergraduate studies. The aim was to understand how students analyze and construct representations of the school, its physical structure, as well as the sociology discipline and its impact on their lives. Additionally, we reflected on the diversity of individuals within the institution. To achieve this, we adopted an approach using works from authors in different knowledge areas, engaging with the influence of the school on students' lives, the social relationships formed in the school environment, and the sociology discipline, considering its historical context and foundations as educational knowledge. Methodologically, we employed participant observation, questionnaire surveys, as well as focus groups as alternatives to engage with the daily school life of these students. The use of multiple methods aimed to facilitate our reflection on the school environment and representations of the teaching of sociology, intending to understand how the life contexts of these students influence their understanding of their school experiences, especially regarding the teaching of sociology.

Keywords: educational institutions; school environment; sociology teaching; youth.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1: Dados referentes ao abandono escolar.....	17
Ilustração 2: Morro de acesso à escola.....	22
Ilustração 3: Refeitório da escola.....	22
Ilustração 4: Corredor da escola.....	23
Ilustração 5: Corredor da escola.....	24

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

Tabela 1: Perfil dos alunos que participaram do grupo focal	30
Tabela 2: Perfil familiar dos alunos que participaram do grupo focal.....	32
Tabela 3: Dados acerca da possível realização do ENEM.....	33
Tabela 4: Dados sobre a realização de atividades laborais.....	34
Tabela 5: Dados sobre o deslocamento até a escola.....	35
Gráfico 1: Combinação das perguntas 16 e 17 do questionário.....	35

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência;

PNE - Plano Nacional de Educação;

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística;

CIEP - Centros Integrados de Educação Pública;

NEM - Novo Ensino Médio;

BNCC - Base Nacional Curricular Comum;

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio;

CREM-MG - Currículo de Referência do Ensino Médio - Minas Gerais.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	O ENSINO MÉDIO: um debate necessário	15
2.1	O ensino médio no Brasil e seus desafios	15
2.2	Sobre a escola, o espaço educacional e o ensino integral	20
3	AS DESIGUALDADES SOCIAIS, AS PERSPECTIVAS DE FUTURO E O ENSINO DE SOCIOLOGIA	28
3.1	A família, o trabalho e o ENEM	28
3.2	A sociologia e a educação	37
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
	REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	47
	APÊNDICES	50

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é uma investigação acerca das representações formadas por alunos secundaristas a respeito de suas vivências no sistema de ensino público escolar em que estão inseridos. Ambicionamos trazer à tona a diversidade que a compõe, visando compreender a forma em que se dá o ensino da disciplina de sociologia e suas repercussões na vida dos discentes em suas formações como sujeitos. Com este propósito, realizamos uma pesquisa junto a estudantes de uma das turmas do terceiro ano do Ensino Médio, situada em uma escola da rede pública de ensino, no estado de Minas Gerais.

As motivações para a realização deste trabalho se deram em meio às experiências pessoais na instituição citada, onde estive presente devido às atuações durante a formação na modalidade de licenciatura, sendo elas o estágio obrigatório e a participação como integrante do PIBID de Sociologia. A respeito destas vivências, que fundaram-se no decorrer das aulas de sociologia, bem como no cotidiano escolar, pude observar as diversas relações compostas entre os alunos, professores e demais profissionais da instituição, tal qual as correlações da escola como um todo, com o meio que a cerca.

Saliento que estive vinculada à instituição por alguns meses, logo, pude atentar-me às vicissitudes que fundamentam a escola, visualizando assim um contexto educacional em que há uma determinada ausência de desenvolvimento de propostas pedagógicas, em virtude do curto alcance de verbas governamentais e do enfraquecido reconhecimento social direcionado à comunidade escolar. Além disso, foi observado que, devido a diversos fatores que serão aprofundados adiante, os discentes se encontram perdidos quanto ao sentimento de pertencimento àquele espaço, mas se revelam cientes quanto à urgência de transformação do meio. Ademais, percebe-se as visões destes sobre a disciplina de sociologia, sua importância e questões que prejudicam sua plena aplicabilidade.

A partir disso, comecei a indagar-me a respeito das percepções dos alunos sobre o ensino de sociologia e sua relevância para as formações educacionais de jovens enquanto sujeitos sociais, visto que grande parte dos conteúdos programáticos que fundamentam as aulas deste saber estão relacionados ao desenvolvimento e constituição destes indivíduos frente suas realidades sociais, visando os munir de conhecimentos que, unidos às suas vivências particulares, possam auxiliá-los durante suas vidas, os incentivando a pensar criticamente e a desnaturalizar o que é considerado absoluto, tal qual a forma como o sistema de ensino age em contramão à tal saber, inibindo seu alcance.

Deste modo, com o objetivo de alcançar respostas para a questão da pesquisa, realizamos um trabalho de campo amparado em fundamentos da pesquisa qualitativa. Nesse sentido, revelamos a óptica dos jovens no que se refere à compreensão do ambiente educacional, suas presenças nesse meio e o ensino da disciplina de sociologia, propondo identificar a origem dos mesmos, além dos fatores que possam influenciar suas percepções.

Ademais, frisamos que a pesquisa refere-se à percepções e compreensões de alunos secundaristas, em especial do terceiro ano do Ensino Médio, acerca do ambiente escolar que frequentam diariamente. Desta forma, trata-se de um estudo que visa se estruturar através de observações e ações adentradas neste espaço educacional, no qual os discentes sobressaem-se como atores que o constitui.

Assim, nosso trabalho funda-se como uma pesquisa de cunho qualitativo, como mencionado, pois serão apontados aspectos do cotidiano destes estudantes, tal qual suas relações e apreensões (MINAYO, 2010). Dessarte, esta alegação é comprovada a partir das contribuições de Yin (2016), onde o autor expõe cinco características que apontam singularidades desta modalidade de pesquisa:

Estudar o significado da vida das pessoas, nas condições da vida real; representar as opiniões e perspectivas das pessoas [...] de um estudo; abranger as condições contextuais em que as pessoas vivem; contribuir com revelações sobre conceitos existentes ou emergentes que podem ajudar a explicar o comportamento social humano; e esforçar-se por usar múltiplas fontes de evidência em vez de se basear em uma única fonte (p. 29).

Nesse viés, resalto a submissão do pré-projeto, que respaldou o atual estudo, ao comitê de ética, número do parecer 6.104.398, composto por membros da Universidade citada, dado o formato da pesquisa ser composto por indivíduos que amparam a realização da mesma. Este processo ocorreu por meio do envio do trabalho, preenchimento dos dados e disponibilização dos termos de compromissos e permissão.

A partir da aprovação do comitê, iniciou-se os planejamentos para a coleta e produção de dados, onde, pretendendo capturar eventos cotidianos destes alunos e suas existências no espaço educacional foi utilizada a observação participante, dado que, sendo o pesquisador o principal instrumento de uma pesquisa embasada em fenômenos da vida real, urge a necessidade de não nos apoiarmos em instrumentos externos, a passo que determinados dados somente podem “[...] ser revelados fazendo-se inferências sobre os comportamentos observados e conversando com as pessoas” (YIN, 2016, p. 33). A respeito disso, evidencia-se a presença dos três objetivos expostos pelo autor supracitado, tendo em vista a indispensabilidade de credibilidade e confiança ao presente trabalho, sendo eles a

transparência, metodicidade e fidelidade às evidências. Também, compreendeu-se a ânsia em estarmos atentos a um equilíbrio entre a observação e participação durante esta etapa da pesquisa, percebendo o ambiente com o mínimo de pressuposições.

Nesta etapa da pesquisa, foi possível adquirir conhecimentos quanto ao formato das aulas de sociologia, a adequação ao material didático, a presença, não somente física, do docente responsável pela disciplina, o comportamento dos discentes durante as aulas e as possibilidades de ocupação do espaço escolar que manifestam-se ao longo do ensino deste saber, que diferentemente das demais, atenta-se a importância de ir além de configurações tradicionais durante a exposição de conteúdos.

A segunda etapa da pesquisa embasou-se na realização de um grupo focal composto por vinte e cinco alunos matriculados no terceiro ano da escola em foco. A opção pelo grupo focal deu-se acreditando que os indivíduos se sentiriam mais desenvolvidos quando em grupo, esta consideração é apresentada por Yin (2016), no momento em que expõe uma maior facilidade dos sujeitos com esta organização, quando comparada às entrevistas individuais. Ainda, pensa-se que o compartilhamento de informações e conhecimentos potencializou e estimulou as falas dos mesmos que, além disso, puderam se sentir contemplados com os relatos dos colegas.

Para tal, foram produzidos um questionário e roteiro para o grupo focal¹, quanto ao primeiro, deu-se visando a identificação dos alunos e alcançar informações que não poderiam ser adquiridas durante a realização do grupo focal, na medida em que entendemos a existência da possibilidade de os discentes não se sentirem confortáveis frente a algumas perguntas. Também, almejamos abarcar variáveis relacionadas aos perfis dos estudantes, como idade, raça, gênero, orientação sexual, formação familiar, classe social, levando em consideração outras variáveis que puderam ser alcançadas por meio da observação de campo. Intencionou-se com isso, perceber características dos estudantes e, através dos perfis supracitados, relacioná-las aos resultados obtidos acerca da disciplina de sociologia, alcançados por meio dos frutos da realização do grupo focal.

Salienta-se que o roteiro em questão foi ancorado em questionamentos acerca da Sociologia, as percepções dos alunos sobre a disciplina, as repercussões da mesma em suas concepções de mundo, o incentivo a um pensamento crítico e desnaturalização de aspectos sociais e, ainda, foram trazidos à tona temas relacionados ao novo ensino médio, a estrutura

¹ Disponibilizados nos “Apêndices A e B”, contidos no final do texto.

física escolar, os modelos avaliativos executados, relatos relacionados à direção e supervisão escolar e a relação dos discentes com o professor da disciplina, no que tange ao desempenho de sua atuação, bem como à confiabilidade a ele de assuntos particulares, como ingresso em universidades e ampliação de problemas psicológicos, devido à aproximação do Exame Nacional do Ensino Médio.

Outrossim, tratando-se da execução do grupo focal, ressalta-se como foi desenvolvido, onde cada um dos 25 alunos participantes foram identificados com placas numeradas de 1 a 25, objetivando que não utilizassem seus próprios nomes em nenhuma das etapas de coleta de dados, além disso, o encontro foi gravado em áudio, por meio de dois gravadores e um aparelho celular, além disso, toda a conversa foi transcrita por colegas que acompanharam-me neste processo. Posto isso, nos reunimos em uma sala da escola voltada às atividades extraclasse, ambicionando um maior conforto dos alunos ao se dirigirem a temas que poderiam envolver outros personagens daquele ambiente educativo.

Após a realização da aplicação dos questionários, bem como a efetivação do grupo focal, utilizou-se as contribuições de Laurence Bardin, e seus estudos acerca da abordagem metodológica de análise de conteúdo, para quantificar informações expressas de forma escrita e oral, através de categorizações, salienta-se que este instrumento é aplicável em pesquisas de diversos discursos. Deste modo, os dados obtidos por meio da aplicação do questionário foram quantificados e organizados em tabelas e gráficos, visto que

Os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos (falantes) e válidos. Operações estatísticas simples (percentagens) [...], permitem estabelecer quadros de resultados, diagramas, figuras e modelos, os quais condensam e põem em relevo as informações fornecidas pela análise. (BARDIN, 1977, p. 101)

Ora, para a organização e melhor desempenho destes processos, os questionamentos e fomentações que estruturaram a realização do grupo focal foram divididos em quatro tópicos: i) O espaço escolar; ii) Conhecendo a Sociologia; iii) Sociologia e pensamento crítico; iv) Sobre as aulas de Sociologia. Tais itens foram pensados para guiar as discussões da pesquisa e, sobretudo, para fundamentar as disposições deste trabalho.

A partir disso, o trabalho de que se fala divide-se em dois capítulos, além da presente introdução, tem-se os procedimentos metodológicos utilizados, as considerações finais alcançadas, de modo a expor e aprofundar a temática em evidência, o referencial teórico e os apêndices. Acerca disso, o capítulo 2 em que vamos trabalhar trata-se da apresentação do ensino médio na educação básica brasileira e seus desafios, tal qual a discussão sobre a escola em que a pesquisa se fundou, sua constituição e as repercussões do ensino integral. Em seguida,

o capítulo 3 volta-se ao estudo da diversidade que constitui o ambiente escolar, onde serão atribuídas questões relacionadas à influência da família no rendimento escolar dos discentes, conseqüentemente, suas perspectivas de futuro, bem como a forma em que percebem o enquadramento do ensino de sociologia perante as demais disciplinas e o formato educacional, por fim, tencionamos alcançar os impulsos e impactos do ensino de sociologia na vida cotidiana dos alunos.

2 O ENSINO MÉDIO: um debate necessário

A educação brasileira é perpassada por desafios que, historicamente, fundam o sistema de ensino nacional. Esta afirmação comprova-se no estreito avanço de admissões de estudantes advindos de instituições públicas em cursos superiores. Essas entradas, amparadas pela Lei de Cotas - nº 12.711/2012², garantem o percentual prescrito, em que é exigido que 50% dos discentes de Universidades Públicas sejam contemplados por tal reserva de cotas.

À vista disso, entende-se como necessário discutirmos acerca da evasão escolar e suas consequências, dado que a grande maioria dos alunos que abandonam o ensino médio são matriculados em escolas da rede pública, bem como o fato de que esta evasão é um indício de manutenção da ordem social, onde o ensino superior, ainda hoje, é visto como alternativa direcionada à somente uma parte da população que possui melhores condições financeiras.

Considerando este quadro, no presente capítulo serão discutidos aspectos gerais acerca do ensino médio brasileiro, objetivando enquadrar o ambiente em que os discentes estão inseridos, tal qual o formato educacional que os orienta. Conseqüentemente, serão abordadas questões relacionadas ao ensino integral e suas decorrências, possibilitando o início da discussão sobre a escola onde ocorre a pesquisa em evidência.

2.1 O ensino médio no Brasil e seus desafios

O ensino médio é uma etapa crucial para a formação dos indivíduos, uma vez que nele são situadas aprendizagens básicas para a vida em sociedade, bem como, ocorre a preparação para o ingresso em cursos superiores ou no mercado de trabalho. A partir disso, compreende-se o acesso à educação como um dos direitos sociais que é fundamental para o exercício da cidadania e ampliação da democracia, para mais, tem-se em sua concretização o desenvolvimento econômico do país, diminuição da criminalidade, redução da pobreza e um dos modos de garantia do bem-estar da população.

Destarte, é necessário circunscrever as crises educacionais sofridas pelo país ao longo de sua história, dado que foram elas a estruturar a educação básica brasileira e seu formato atual. Ressalta-se que, em outros termos, assim que uma crise é identificada, são realizadas reformas que intencionam sanar tais obstáculos, tendo em mente a dimensão de importância existente na prosperidade das instituições de ensino.

² Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cotas/perguntas-frequentes.html>. Acesso em: 13 nov. 2023.

Não obstante, no que tange aos desafios identificados no ensino médio, Torres *et al* (2013) apontam três abordagens simultâneas que tendem conceber tal situação, sendo elas a massificação do ensino médio, que de forma alguma exprime uma condição negativa, somente alerta a ausência de adequação das instituições em alcançar o aumento da demanda, devido a diferentes fatores, como oscilações de políticas educacionais, escassez de programas de permanência, por conseguinte, projetos que conflitam entre si; o não ajustamento do ambiente escolar quando comparadas às transformações dos jovens, tão presentes na atualidade; e a não preparação e habilitação plena dos docentes, atentando-se aos projetos educativos. Este cenário infere consequências óbvias ao processo de aprendizagem, ocasionando o desinteresse e, por fim, a evasão escolar (TARTUCE *et al*, 2018).

Tendo em vista estes agravantes, em 2009 foi produzida a Emenda Constitucional n. 59³, onde tornou-se obrigatório o atendimento educacional à população de 15 a 17 anos, a ser implementada progressivamente até 2016, também presente na meta 3 do Plano Nacional de Educação (PNE)⁴, referindo-se ao ensino médio. Outrossim, os dados coletados pelo IBGE em 2022 registraram 7,9 milhões de matrículas no ensino médio, apontando um aumento de 1,2% em relação ao ano anterior⁵. Entretanto, para além das matrículas, é necessário que sejam garantidos a esses discentes suas permanências nas instituições escolares e conclusão de seus estudos, deste modo, identifica-se a urgência de uma educação de qualidade, com professores capacitados e habilitados, além da composição de um ambiente propício ao desenvolvimento e dedicação dos alunos.

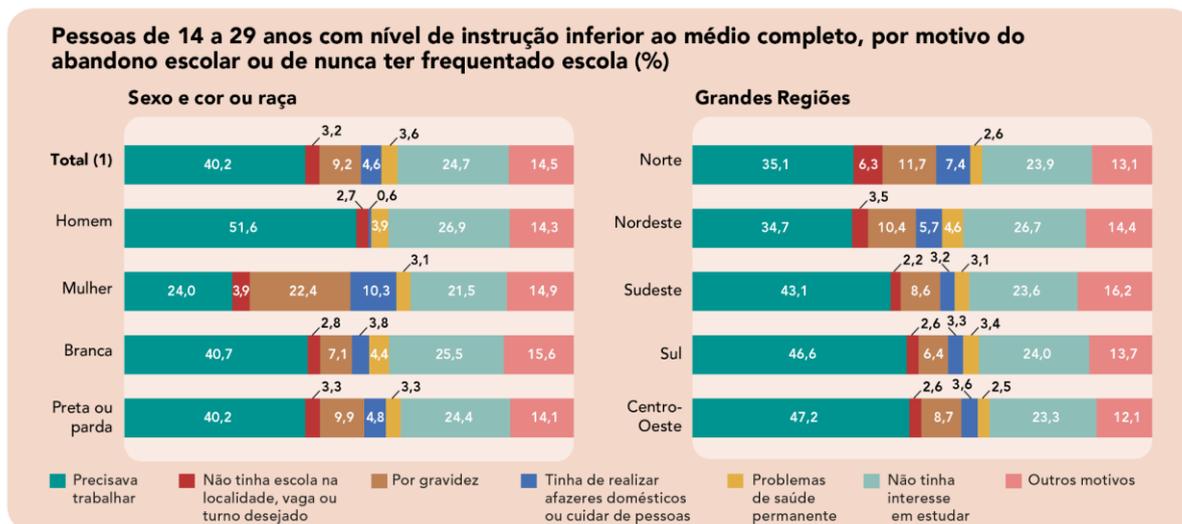
Como consequência, os dados coletados pelo IBGE, no censo de 2022, indicam que 52% milhões de brasileiros não completaram o ensino básico, ou porque abandonaram, ou porque nunca frequentaram a escola, entre estes, estão os jovens de 14 a 29 anos de idade, cerca de 18% de indivíduos com esta faixa etária (IBGE EDUCA, 2023). A partir disso, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística disponibilizou um gráfico em que são expostos os principais fatores apresentados pelos sujeitos como indicadores de suas evasões, disposto a seguir:

³ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Emendas/Emc/emc59.htm. Acesso em 14 nov. 2023.

⁴ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm. Acesso em 14 nov. 2023.

⁵ Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-escolar/mec-e-inep-divulgam-resultados-da-1a-etapa-do-censo-escolar-2022#:~:text=Os%20alunos%20do%203%C2%BA%20ano,%25%20em%20rela%C3%A7%C3%A3o%20a%202021>). Acesso em 14 nov. 2023.

Ilustração 1: dados referentes ao abandono escolar



Ainda, tratando-se de evasão escolar, urge o debate acerca do ensino integral, considerando que, como será exposto em tópicos seguintes, pela perspectiva dos estudantes, este formato educacional está intimamente ligado às adversidades vivenciadas diariamente pelos educandos. Logo, o abandono e evasão escolar há muito são características que destacam-se como obstáculos ao ensino médio, em vista disso, reformas propostas ao longo do tempo ambicionaram sanar essa situação, tal qual democratizar o ensino em torno de projetos pedagógicos que impulsionam outros formatos educativos. Outrossim, tratando-se do turno integral,

A vivência democrática ratificada pela Constituição Federal impulsionou outras formas de se pensar a escola. Desse movimento, nasceu uma experiência que norteou a concepção de educação integral no Brasil: a criação do Centro Integrado de Educação Pública (CIEP - Brizolão - , em 1985), idealizado por Darcy Ribeiro, implantado no estado do Rio Janeiro nas décadas de 1980 e 90, sob gestão administrativa de Leonel Brizola. [...]. (ROVERONI; MOMMA; GUIMARÃES, 2019, p. 227 *apud* BRASIL, 1988)

Ademais, houveram novas reformas que intencionam reafirmar projetos com o fim supracitado, como disposto na meta 6 do atual Plano Nacional de Educação (2014-2024), em que “além de configurar-se como uma plataforma política daqueles que anseiam uma cidade educadora, trata-se de promover um direito social e dignidade (vivências socioculturais ampliadas) a crianças e jovens [...]” (ROVERONI; MOMMA; GUIMARÃES, 2019, p. 227).

Entretanto, apesar das intenções de melhoria do ensino, o turno integral continuou a perpetuar um cenário educacional falho, em que espaços e horários de ensino não foram adequados à nova realidade, simbolizando a ausência de preparo das escolas, assim como,

denunciando a inexistência de alterações salariais e de carga horária dos docentes, que acabaram por lecionar em mais de uma instituição, em busca de uma remuneração digna. Além disso, percebe-se o cansaço e desmotivação dos estudantes, que não contemplados por um meio que os integre e interesse, dispersaram-se mentalmente e fisicamente.

Nesse viés, também tem-se a última reforma executada, considerada em alguns pontos como inferior às suas antecessoras, dado o retrocesso relacionado às conquistas que priorizavam o ensino igualitário e a inclusão e valorização de todas as disciplinas na grade curricular, além de ansiar metas ainda não passíveis de serem alcançadas, considerando o quadro geral do ensino brasileiro. Acerca desta proposta, já em andamento, o ensino integral é um de seus principais traços, apesar disso, devido aos altos índices de evasão, nem todas as instituições escolares optaram por este formato, mantendo o turno regular.

Salienta-se, que as ambições iniciais depositadas no Novo Ensino Médio (NEM), tratavam-se de aproximar os discentes de uma maior autonomia enquanto indivíduos, “[...] fortalecendo o protagonismo juvenil na medida em que possibilita aos estudantes escolher o itinerário formativo no qual desejam aprofundar seus conhecimentos” (PORTAL MEC, 2018). Todavia, o ensino público brasileiro caracteriza-se por seu sucateamento que, tradicionalmente, impossibilita o avanço e concretização de medidas, realidade que engloba também os itinerários formativos. Como mencionado, este formato visa a implantação de novas disciplinas, idealizadas como opcionais aos discentes, que deveriam poder escolher, entre as alternativas, a disciplina que mais se encaixasse com seus propósitos de vida, o que não ocorre.

Dessarte, o NEM torna-se progressivamente mais uma reforma fracassada, tendo em vista seus objetivos iniciais:

A Lei nº 13.415/2017 alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e estabeleceu uma mudança na estrutura do ensino médio, ampliando o tempo mínimo do estudante na escola de 800 horas para 1.000 horas anuais (até 2022) e definindo uma nova organização curricular, mais flexível, que contemple uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a oferta de diferentes possibilidades de escolhas aos estudantes, os itinerários formativos, com foco nas áreas de conhecimento e na formação técnica e profissional. A mudança tem como objetivos garantir a oferta de educação de qualidade a todos os jovens brasileiros e de aproximar as escolas à realidade dos estudantes de hoje, considerando as novas demandas e complexidades do mundo do trabalho e da vida em sociedade. (PORTAL MEC, 2018)

Há de se apontar o despreparo em aplicar reformas não condizentes com a realidade do sistema de ensino, tal qual com as necessidades dos discentes, que se sentem cansados, em virtude do aumento de carga horária, e prejudicados pela diminuição do ensino de conteúdos abordados pelos exames de ingresso em universidades.

No que tange às disciplinas que perderam espaço para a introdução dos itinerários formativos, destacam-se aquelas historicamente marginalizadas, que englobadas nas áreas de conhecimento - Matemática e suas Tecnologias, Linguagens e suas tecnologias, Ciências e suas Tecnologias, Ciências Humanas e Sociais Aplicadas -, são invisibilizadas pela Base Nacional Curricular Comum, através do discurso acerca das 10 Competências Gerais, que conduzem esta nova configuração.

Assim sendo, ressalta-se a sociologia como uma dessas ciências, uma vez que sua inserção na grade curricular do ensino básico brasileiro caracteriza-se por instabilidades que rondaram a disciplina desde o princípio de sua institucionalização. Deste modo, durante os anos iniciais do século XXI - 2008, a sociologia se estabeleceu como integrante obrigatória do currículo da Educação Básica nas escolas públicas e privadas do país, ocupando um espaço na trajetória educacional de formação dos alunos. Entretanto, em curto espaço de tempo, no ano de 2017, foi instituída a supracitada “Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral”, parte da nova política educacional, em que foi retirada a obrigatoriedade da sociologia, realocando parcela de seus conteúdos na implementação de itinerários formativos, com ênfase em outras áreas de conhecimento.

Logo, retorna-se o estado inicial de disputa pela permanência e valorização deste saber como indispensável aos alunos, posto que “[...] a Reforma do Ensino Médio (lei nº 13.415/2017) retirou a partir de 2017 a obrigatoriedade da sociologia do currículo escolar, apesar de indicar que esta disciplina deve compor a Base Nacional Curricular Comum” (OLIVEIRA; CIGALES, 2019, p. 44), reservando aos conteúdos da disciplina apenas a participação nos itinerários formativos.

A respeito desta aparente contradição, a BNCC expressa a importância do processo educacional como formador de indivíduos que serão introduzidos na sociedade, como pode ser observado no seguinte parágrafo:

[...] a compreensão da importância dos direitos humanos e de se aderir a eles de forma ativa no cotidiano, a identificação do bem comum e o estímulo ao respeito e ao acolhimento às diferenças entre pessoas e povos, tendo em vista a promoção do convívio social e o respeito universal as pessoas, ao bem público e a coletividade (BNCC, 2018, p. 567),

Ainda assim, estas transformações são origens de constantes incertezas e anseios quanto ao destino da sociologia nas escolas brasileiras e, sobretudo, da descredibilização que essas oscilações provocam no imaginário social. Ademais, esse espaço de interdisciplinaridade, o qual coube à sociologia, e os resultados desta ação, se revelam por meio de um apagamento ainda maior da disciplina.

Outrossim, como apontado pela BNCC, as instituições escolares possuem compromissos que vão além do ensino dos conteúdos programáticos. Nesse viés, Lima, Zanlorenzi e Pinheiro (2012) destacam o lugar da educação escolar, não sendo este um simples reflexo das relações de produção. Seu papel deve abarcar conhecimentos a respeito do cotidiano, auxiliando os alunos durante seu desenvolvimento e amadurecimento como indivíduos que vivem em sociedade, fato também destacado por Filho (2023, p. 6): “[...] partimos do pressuposto de que educação escolar não é pura e simplesmente um reflexo das relações de produção; nessa direção, entendemos que a função social da escola deva ser a formação da consciência humana por meio do conhecimento científico”.

Baseado nos pontos supracitados, destaca-se a posição da sociologia como disciplina, junto às demais atualmente integradas à área de conhecimento “Ciências Humanas e Sociais Aplicadas”, como encarregada de apresentar aos discentes os ensinamentos que vão além das teorias regulares, status intimamente ligado à baixa autonomia da área, representada pela “[...] posição limiar que ocupa na hierarquia dos saberes científicos” (SILVA; JUNQUEIRA; SILVA, 2021, p. 149). Alicerçadas a este fim, suas funções, apesar de limitadas, caracterizam-se por possibilitar aos alunos uma maior criticidade que, ancorada em seus cotidianos, entrelaçam suas vivências particulares e as traduzem a um conhecimento formal.

Tendo em vista os pontos apresentados, o próximo tópico refere-se à apresentação de pontos acerca da escola em que a pesquisa se funda, objetivando visualizar a maneira como os aspectos educacionais relacionados ao ensino médio e suas nuances se concretizam em uma instituição pública de ensino, levando em conta as perspectivas dos discentes e suas pontuações sobre o ambiente os cerca.

2.2 Sobre a escola, o espaço educacional e o ensino integral

A instituição estudada é uma Escola Estadual localizada na Zona da Mata mineira, que possui aproximadamente 80 mil habitantes, dado apontado pelo IBGE realizado em 2022⁶. Ressalta-se, que há uma ampla margem desses habitantes como flutuantes, devido à presença de um grande número de estudantes matriculados na universidade federal e privada também localizada no município. Conseqüentemente, há na cidade indivíduos que representam distintas camadas sociais, identificações sexuais, de gênero e de raça, contexto influenciador para os

⁶ Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/vicosa.html>. Acesso em: 10 nov. 2023.

discentes do ensino básico, que desde novos têm contato direto com tal diversidade de sujeitos e culturas.

Neste quadro, destaca-se a presença dos docentes como indivíduos também múltiplos, detentores de saberes e vivências particulares, responsáveis por embasar seus processos de ensino e compartilhamento de métodos e conteúdos de aprendizagem. Há de se pensar nos formatos de suas metodologias de ensino como resultados de seus percursos estudantis e profissionais que, juntos aos recursos disponibilizados pela instituição de ensino onde lecionam, assim como de suas didáticas, ocasionam seus desempenhos como professores. Por conseguinte, percebe-se o impacto das escolas nesses profissionais, que também representam uma parcela fundante de todas as manifestações ali existentes.

A escassez de alternativas, a baixa remuneração, falta de incentivo profissional e governamental, são observados na escola de que se fala como aspectos que distanciam esses indivíduos de seus alunos, que por vezes se sentem incompreendidos pelos seus professores, e os mesmos, cansados e desmotivados, deixam de crer no potencial de transformação existente no ensino, tal qual em suas capacidades próprias.

Assim como não posso ser professor sem me achar capacitado para ensinar certo e bem os conteúdos de minha disciplina, não posso, por outro lado, reduzir minha prática docente ao puro ensino daqueles conteúdos. Esse é um momento apenas de minha atividade pedagógica. Tão importante quanto ele, o ensino dos conteúdos, é o meu testemunho ético ao ensiná-los. É a decência com que o faço. É a preparação científica revelada sem arrogância, pelo contrário, com humildade. É o respeito jamais negado ao educando, a seu "saber de experiência feito" que busco superar com ele. Tão importante quanto o ensino dos conteúdos é a minha coerência na classe. A coerência entre o que digo, o que escrevo e o que faço. (FREIRE, 2022, p. 101)

Na constante luta pela efetivação dos meios de aprendizagem, muito destacada nesta instituição, diversas são as questões que aproximam e distanciam o processo educativo de si mesmo, entender o ensino público exige a compreensão dos pontos, que juntos, formam a escola e, conseqüentemente, os alunos.

Levando isso em conta, salienta-se que a escola em foco é muito próxima do centro da cidade, em uma região periférica, onde a grande parte dos moradores são de classe baixa e, quando muito, de classe média baixa, também, composta por alunos advindos de diversas regiões da cidade, tal qual de municípios vizinhos, contendo estudantes do ensino fundamental e médio. Com base nisso, “[...] afirmar que a escola é uma instituição significa pensá-la como um foco de experiência concreto, por onde as formas de saber, as matrizes de comportamento e os modos possíveis de ser dos sujeitos confluem, para definir um número de estratégias específicas” (CARVALHO, 2014, p. 106).

Ilustração 2: Morro de acesso à escola



Tratando-se da instituição de ensino em questão, evidencia-se que abrange cerca de 1300 alunos, possuindo uma grande estrutura física, com, aproximadamente, 20 salas de aula, além de sala de vídeo, multiuso, laboratório de ciências, laboratório de informática, salas da direção e supervisão, secretaria, sala dos professores e 3 quadras esportivas. A partir disso, tem-se um entendimento inicial de que há espaço suficiente para todos os discentes matriculados, compreendendo as especificidades advindas do turno integral, entretanto, os relatos dos participantes durante o grupo focal, expõem outros cenários:

Estudante 10: O refeitório está sempre lotado, ou você se senta na mesa ou no chão, se você reclamar, ainda sai como errado, porque se você se senta em um lugar diferente eles reclamam. (Relato oral no grupo focal, 28 set. 2023)

Ilustração 3: refeitório da escola



Identifica-se assim, a estrutura física da instituição como fator proeminente para a satisfação dos discentes, atentando-se para a grande carga horária em que passam neste espaço, tal qual a construção de relações, desenvolvimento social e individual que ali se formam, “[...] a estrutura da instituição escolar, contudo, não dá conta de acolher as singularidades como focos de experiência, pois estes lhe são sempre estranhos” (CARVALHO, 2014, p. 110). Alicerçando-se nisso, também é considerado falas que se relacionam ao espaço físico como disciplinador de corpos:

Estudante 14: A escola parece uma cadeia, se por acaso aqui pegar fogo, ficamos presos, não tem como sair. [...]. Até as cores fazem a gente se sentir preso. Acho que deveria haver uma reforma na escola, parece um hospital. Apresentamos um projeto no ano passado, em que tinham saídas de emergências no final dos dois corredores, mas até hoje não fizeram nada. A gestão promete, mas não faz nada, isso é importante porque em algum momento algo vai acontecer. Nós não nos sentimos seguros, uma pessoa já foi baleada na porta daqui da escola, se isso acontecer de novo não temos para onde fugir [...]. (Relato oral no grupo focal, 28 set. 2023)

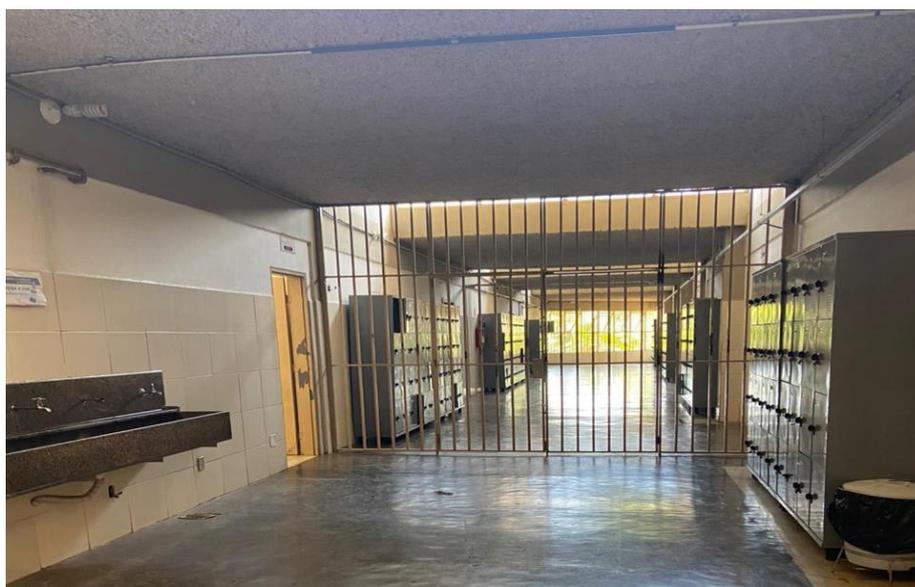
Ilustração 4: corredor da escola



Ainda, a uniformização dos corpos pode ser compreendida por uma constância que extingue as diversidades e silencia os sujeitos, de modo a inibir as manifestações particulares de identidades.

Os processos de subjetivação dos seres humanos - pelo emprego de relações de poder sobre o corpo - só podem ser entendidos como mecanismos sociais partindo do princípio de que tal corpo apresenta aspectos, formas de percepção e inserção constantes para o exercício de relações de poder. Dito de outra maneira, o corpo do ser humano (ou, melhor dizendo, uma concepção de corpo) deve apresentar maneiras e estruturas mais ou menos constantes e uniformes. (MENDES, 2006, p. 169)

Ilustração 5: corredor da escola



Um dos aspectos que caracterizam instituições escolares são seus isolamentos com o meio externo, entendemos que isso deriva-se de um afastamento espacial que tende a isolar a escola da realidade que a rodeia, como se, imersos nesse ambiente, os sujeitos passassem a ocupar papéis distintos, por meio de regras próprias, tempos e formatos relacionais.

Ressalta-se, que a arquitetura das escolas públicas está estritamente ligada a fatores econômicos de suas construções, limitando-se à padronização de materiais orçamentários. Como consequência a isso, “[...]as escolas se tornaram, assim, um lugar fechado, que não aceitam a participação dos pais, da sociedade ou dos alunos. Com isso, não veem a escola como um espaço deles, pertencentes a eles se alienam do que possa acontecer nesses espaços” (ALMEIDA; ROCHA, 2009, p. 9).

Desta maneira, nota-se a premência em integrar os espaços disponíveis no ambiente escolar, intencionando o aproveitamento de todas as possibilidades ao alcance dos docentes, tendo em vista o cansaço dos alunos, muito relacionado ao desconforto das salas de aula e monotonia em permanecer no mesmo local durante todas as horas que completam os turnos escolares da instituição - integral e regular.

Nesse sentido, o espaço escolar destinado ao ensino, as salas de aula, despontam como manifestações evidentes de tentativas de controle e manutenção da ordem, uma forma explícita de contenção e organização desses sujeitos que, detentores de vontades e impulsos próprios, vão contra a ordem vigente. Nas palavras de Lima (1989, p. 38), “o espaço escolar não poderia ser outro: desinteressante, frio, padronizado, na forma e na organização das salas, fechando as crianças para o mundo, policiando-as, disciplinando-as”.

Levando isso conta, evidenciam-se falas dos discentes quanto à carência de suas presenças nos demais ambientes escolares, onde atividades educativas possuem potencial de se desenvolverem de maneira envolvente para os mesmos, além de elucidar as práticas de ensino como múltiplas e extensas, não limitadas a um formato específico:

Estudante 16: Aqui na escola tem um ótimo laboratório de ciências, mas quase nunca vamos lá, ficamos sempre na sala de aula, o que é uma pena, porque a aula poderia se tornar mais interessante e menos cansativa pra gente. (Relato oral no grupo focal, 28 set. 2023)

Desta forma, observa-se a importância de discutirmos o ambiente pelo qual esses alunos são cercados, pois dele originam muitos dos fatores que embasam o bem-estar destes durante o processo de aprendizagem, por conseguinte, seus desempenhos nos estudos, suas percepções sobre o ensino, neste trabalho, em especial de sociologia. Ambicionado este fim, apresentamos dados recolhidos durante o grupo focal, a fim de expor as formas as quais os alunos enxergam este espaço e se situam nele.

Isso posto, tenciona-se perceber a presença dos múltiplos indivíduos que compõem esta escola, logo, por meio de uma perspectiva sócio-cultural, compreender as realidades que envolvem esses sujeitos e o diálogo formado por eles e a instituição educacional, desta forma,

Apreender a escola como construção social implica, assim, compreendê-la no seu fazer cotidiano, onde os sujeitos não são apenas agentes passivos diante da estrutura. Ao contrário, trata-se de uma relação em contínua construção, de conflitos e negociações em função de circunstâncias determinadas. (DAYRELL, 2001, p. 137)

Logo, tendo em vista o emaranhado de indivíduos que compõem este espaço, salienta-se a relação escola-aluno, manifestada nas mais distintas formas, entre sujeitos, ou entre o aluno e o próprio ambiente que o cerca. Sobre este ponto, a esfera educacional não contempla

igualmente todos os discentes, uma vez que esta se estrutura em mecanismos de silenciamento, minimiza as perspectivas juvenis e suas vivências, credibilizando somente aspectos institucionalizados (MARTINS & CARRANO, 2011).

Por esse ângulo, percebe-se as escolas como instituições que valorizam saberes considerados legítimos em comparação àqueles detidos pelos estudantes, apreendidos nas mais diversas circunstâncias ao longo de suas vidas, a partir disso, entende-se como urgente notar as concepções formadas pelos alunos referentes à direção escolar:

Estudante 22: Eu acho que depois que mudou a gestão começou a ficar mais rígido que antes, isso deixa a gente mais cansado ainda. (Relato oral no grupo focal, 28 set. 2023)

Estudante 04: A gente praticamente não tem voz dentro da escola, tudo acontece como eles querem e na hora que eles querem, se a gente for levar os problemas pra eles, vão tratar com deboche, não levam nossas necessidades em consideração, não dão importância para o que falamos. (Relato oral no grupo focal, 28 set. 2023)

Nesse viés, os diálogos formados no ambiente educacional possuem configurações diversas, inclusive entre os discentes, considerando a identificação que há entre os mesmos e a importância de uma composição que abranja as múltiplas facetas que se formam e complementam-se, ainda mais quando admite-se a ausência de interação mútua e equilibrada entre os membros da comunidade escolar, forma-se nesta circunstância a carência de representação estudantil, visando a aproximação e concretização deste diálogo.

Estudante 04: O tempo inteiro no início do ano eles falaram que iria ter grêmio, mas não teve nenhuma movimentação até agora. Gostaríamos que tivesse um grêmio, iria ajudar a resolver alguns problemas, nos daria um pouco de voz aqui na escola. (Relato oral no grupo focal, 28 set. 2023)

Estudante 03: Um exemplo disso foi o ‘Papo Cabeça’, em 2019, um projeto maravilhoso de outra gestão, aumentava muito a auto estima, pra quem não tem apoio dentro de casa o projeto era muito bom, porque conseguiu falar e conversar com os estudantes. (Relato oral no grupo focal, 28 set. 2023)

Ademais, para além da estrutura física escolar, outros aspectos também são atribuídos ao bem-estar dos discentes neste espaço. Ao longo do grupo focal foram apresentadas queixas que envolvem diretamente o turno integral e seu impacto no cotidiano escolar, tendo em consideração as especificidades que fundamentam este formato educacional, como alimentação adequada.

Estudante 10: Se tivesse que estudar em uma escola que não fosse integral seria melhor, porque é muita responsabilidade o dia inteiro, e ficam nos falando sobre preparar a gente para o ENEM, mas não preparam, ficamos aqui o dia inteiro e não adquirimos conhecimento, ficamos cansados. Acho que fica cansativo até para os professores, que acabam descontando o peso das coisas na gente. (Relato oral no grupo focal, 28 set. 2023)

A alimentação escolar é um fator primordial para o aprendizado e desenvolvimento cognitivo do aluno, tendo em vista que, quando o estudante está devidamente nutrido ele desenvolve uma capacidade necessária que contribui para o seu crescimento

acadêmico e concentração dentro de sala de aula, deste modo favorece o rendimento escolar como um todo (SOUSA *et al* 2021, p. 111).

Os alunos afirmam que a má alimentação influencia diretamente o rendimento durante as aulas e a concentração, além de ocasionar déficits calóricos que repercutem na saúde atual e futura dos mesmos,

Estudantes 14 e 10: O café da manhã e o café da tarde, quase todos os dias, tem biscoito, nunca ficamos satisfeitos, a gente come, não gosta, e paramos de comer. [...] Tiraram o suco no horário do almoço para ser mais saudável, mas no café da manhã oferecem uma rosquinha que é só açúcar, e não temos outra opção de comida. [...]. Fico ansiosa para chegar em casa e comer, ficamos com fome e não podemos sair para comer. (Relato oral no grupo focal, 28 set. 2023)

Ainda sobre as implicações do turno integral, durante o grupo focal foram constantes os relatos acerca dos impactos do aumento de carga horária na saúde mental dos discentes, que por permanecerem longos espaços de tempo na instituição, passaram a ter pouco tempo para atividades pessoais e de lazer, além de se sentirem pressionados e não pertencentes ao ambiente educacional.

Estudante 10: Muitas meninas estavam tendo crises de ansiedade, eles colocaram um psicólogo e de uma hora outra para outra tiraram isso, parece que é só para nos impressionar e, assim que podem, acabam com tudo. (Relato oral no grupo focal, 28 set. 2023)

Estudante 04 e 16: Não tem violência física, mas tem assédio e cyberbullying [...]. A direção se incomoda com alunos no corredor, mas quando situações como essa acontecem nada é feito, os alunos são taxados como mentirosos. No caso do cyberbullying, são criadas páginas na internet onde falam sobre a aparência das pessoas, o modo de agir, peso, cor, isso é muito pesado, acaba com a saúde mental das pessoas, e a escola não faz nada, os alunos sempre saem como culpados. (Relato oral no grupo focal, 28 set. 2023)

Por fim, refletimos acerca dos processos de socialização que se formam na escola, onde indivíduos diversos se encontram com o mesmo objetivo e, em decorrência disso, constituem amizades, ou não, vínculos que os configuram enquanto sujeitos e embasam escolhas futuras e noções de pertencimento na sociedade. Esta reunião de subjetividades é resultado de vivências e personalidades particulares que, unidas, ocupam naquele meio funções próprias, distintas das ocupadas em ambientes extra-escolares.

O pátio, os corredores, a sala de aula materializam a convivência rotineira de pessoas. No momento em que os jovens cruzam o portão gradeado, ocorre um "rito de passagem", pois passam a assumir um papel específico, diferente daquele desempenhado em casa, tanto quanto no trabalho, ou mesmo no bairro, entre amigos. Neste sentido, os comportamentos dos sujeitos, no cotidiano escolar, são informados por concepções geradas pelo diálogo entre suas experiências, sua cultura, as demandas individuais e as expectativas com a tradição ou a cultura da escola. (DAYRELL, 1996, p. 8)

Neste tópico, apresentamos aspectos físicos e interpretações dos alunos sobre o ambiente escolar, objetivando trazê-los como observadores ativos do espaço, ressaltando suas

opiniões e vivências. A partir disso, criou-se a urgência em mostrá-los para além do coletivo, mas sim como sujeitos distintos entre si, por conseguinte, cada um tendo consigo suas histórias e trajetórias particulares, para que possamos abrangê-los como estudantes e cidadãos, imersos em um meio que os forma e os desconstrói cotidianamente.

3 AS DESIGUALDADES SOCIAIS, AS PERSPECTIVAS DE FUTURO E O ENSINO DE SOCIOLOGIA

O ambiente escolar é composto pelos mais diversos elementos, relacionados desde a estrutura física, como já mencionamos, à multiplicidade de sujeitos que integram este espaço. Nesse viés, durante este capítulo serão tratados aspectos acerca da diversidade social e cultural dos alunos, característica predominante na instituição escolar em questão, dada a presença de discentes advindos de diferentes cidades, bairros, núcleos familiares e posições sociais.

A partir disso, iremos nos direcionar às perspectivas de futuro destes discentes, baseadas nas junções e análises de dados recolhidos durante o grupo focal e na aplicação do questionário com os participantes da pesquisa. Isto se fundamenta no anseio de compreendermos os olhares dos discentes sobre a educação e seus possíveis alcances, ressaltando neste processo a disciplina de sociologia e seus processos de aprendizagem.

Deste modo, serão analisadas as representações sobre as aulas de sociologia, intencionando perceber, a partir da ótica dos discentes, a maneira como esta disciplina é aplicada em sala de aula, em que ponto se distingue das demais, e se são atingidos os principais objetivos de seu ensino, como a desnaturalização de temáticas sociais, conhecimentos sobre organizações sociais, conceitos básicos sociológicos e, sobretudo, o incentivo à criticidade.

3.1 A família, o trabalho e o ENEM

A priori, visando analisar as diversidades culturais e sociais que integram a escola, percebe-se esta instituição como constituída a partir de um caráter único, onde o objetivo central é de se transmitir conhecimentos gerais acerca da sociedade, logo, tais saberes se

tornam, nesse contexto, objeto, não levando em consideração os valores dos materiais didáticos disponíveis. Nesse sentido, tais conhecimentos são reduzidos à notas, minimizando os saberes e vivências desses alunos, que poderiam ocasionar uma troca entre o que é adquirido na escola e fora dela.

Dessa forma, o processo de ensino/aprendizagem ocorre numa homogeneidade de ritmos, estratégias e propostas educativas para todos, independente da origem social, da idade, das experiências vivenciadas. [...]. A diversidade real dos alunos é reduzida a diferenças apreendidas na ótica da cognição (bom ou mau aluno, esforçado ou preguiçoso, etc..) ou na do comportamento (bom ou mau aluno, obediente ou rebelde, disciplinado ou indisciplinado, etc...). A prática escolar, nessa lógica, desconsidera a totalidade das dimensões humanas dos sujeitos - alunos, professores e funcionários - que dela participam. (DAYRELL, 1996, p. 3)

Assim, um ambiente múltiplo torna-se único, as singularidades dos discentes são reduzidas ao encaixe nestas instituições, e suas histórias, vivências adquiridas durante suas vidas, preferências e conhecimentos são colocados em caixas e guardadas fora do alcance de todos, “reduz os sujeitos a alunos, apreendidos sobretudo pela dimensão cognitiva” (DAYRELL, 1996, p. 3).

A situação agrava-se ainda mais, porque este quadro é produto da comercialização da educação e, conseqüentemente, do conhecimento, perde-se assim o caráter das expressões simbólicas frutos da bagagem cultural dos discentes. “O conhecimento é visto como produto, sendo enfatizados os resultados da aprendizagem e não o processo. Essa perspectiva implementa a homogeneidade de conteúdos, ritmos e estratégias, e não a diversidade” (DAYRELL, 1996, p. 3).

Há ainda de se destacar a concepção formada sobre a juventude, que a distância da ideia de sujeitos autônomos, condutores de pensamentos, racionalização e diálogos, logo, como capazes de contribuir ativamente para a sociedade. Nesse viés, são desacreditadas suas percepções sobre os acontecimentos e problemas sociais. Abramo (1997, p. 28), acerca deste cenário, aponta que

[...] toda vez que se relaciona a questão da juventude com a da cidadania, seja pelos atores políticos seja pelas instituições que formulam ações para os jovens, são os ‘problemas’ (as privações, ou desvios) que são enfocados [...]. As questões elencadas são sempre aquelas que constituem os jovens como problemas (para si próprios e para a sociedade) [...].

Logo, a escola torna-se um mecanismo silenciador de individualidades e reprodutor de comportamentos sociais, onde estes indivíduos, privados de escolhas e baseados em interpretações que não valorizam a si próprios e suas contribuições como válidas, são silenciados.

Pela escola passam os indivíduos que são formados, desde cedo, para equivaler-se a uma multiplicidade qualquer, por derivação dos repertórios dos focos de experiências ali consolidados. Mais do que pensar em juízo de valor, trata-se de conceber o laço inequívoco entre as verdades que são ensinadas, disponibilizadas, convocadas e justificadas de modo prático, para que os sujeitos da Educação façam certo sentido às estratégias globais de governamentalidade. (CARVALHO, 2014, p. 107)

A partir das contribuições de Durkheim (2002), percebe-se a concepção de educação como fenômeno de socialização e transmissão de princípios pré determinados, tal qual como ferramenta de coesão social, em que conjuntos de normas e valores são restabelecidos para garantir a manutenção da ordem social. Destarte, o autor estabelece a educação como um fato social, de modo que, por meio desta, o indivíduo adquire aptidão para viver em sociedade, posto que

Fato social é toda maneira de agir, fixa ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior; ou, ainda, que é geral do conjunto de uma sociedade dada e, do mesmo tempo, possui existência própria, independente das manifestações individuais que possa ter (DURKHEIM, 2002, p. 11).

Logo, entende-se como crucial apresentar dados recolhidos durante o encontro em questão, que percebem os discentes a partir de características que os definem perante a sociedade. Isto, visando compreender as dimensões de suas individualidades e o encontro destas com o ambiente escolar e a disciplina de sociologia. Assim, “o gênero, a raça, [...], entre outros aspectos, são dimensões que vão interferir na produção de cada um deles como sujeito social, independentemente da ação de cada um” (DAYRELL, 1996, p. 4).

Tabela 1: perfil dos alunos que participaram do grupo focal

Gênero	14 participantes se declararam do sexo masculino (56%), 11 participantes se declararam do sexo feminino (44%);
Sexualidade	21 participantes se declararam heterossexuais (84%), 3 participantes se declararam bissexuais (12%), e um participante se declarou na categoria “outro” (4%);
Idade	08 participantes afirmaram ter 17 anos (32%), 11 participantes afirmaram ter 18 anos (44%), 04 participantes afirmaram ter 19 anos (16%), 02 participantes afirmaram ter 20 anos (8%);
Raça	13 participantes se identificam como pardos (52%), 06 participantes se identificam como pretos (24%), 06 participantes se identificam como brancos (24%).
Orientação religiosa	20 participantes afirmaram ser católicos (80%), 07 participantes afirmaram ser evangélicos (28%), 03 participantes afirmaram ser agnósticos (12%), e 03 participantes marcaram a opção “outro” (12%);

Salienta-se, que a escola pública advém de um ideal no qual ela sanaria as adversidades relacionadas ao acesso à educação e desigualdade de oportunidades, logo, os indivíduos poderiam equiparar-se nos processos da vida cotidiana, entretanto, sabe-se que, para além das falhas do sistema de ensino, os fatores dispostos na “Tabela 1” influenciam diretamente em seus papéis ocupados socialmente e dentro do ambiente educacional. Assim, “uma vez que forneceria a aparência de legitimidade a essas desigualdades, e admitiria a herança cultural e o dom social como dom natural dos sujeitos, o sistema escolar seria um dos meios eficazes de preservação social” (RAMOS, 2020, p. 18).

Nesse sentido, urge apontarmos a formação da sociedade brasileira como geradora de dinâmicas sociais em que determinados grupos há muito são subalternizados, baseadas em estruturas patriarcais e racistas, determinando a inércia de preconceitos que fundam, ainda hoje, a nação. No âmbito escolar, é necessário relacionar os mais de 300 anos de escravidão com a presença dos cidadãos negros na escola pública e seus direcionamentos após o término do ensino básico. Marcelo Paixão (2008, p. 87) afirma que

o racismo à brasileira acaba operando uma espécie de profecia que se autocumpre: as crianças negras de hoje, na sua maioria pobres, com pobres condições materiais para dar pleno prosseguimento aos estudos, e que são discriminadas social e racialmente no ambiente escolar, amanhã se tornarão adultos ocupando os papéis sociais de baixo prestígio, remuneração e poder.

Nesse viés, compreendemos ainda o estar das mulheres em instituições de ensino como parte de uma luta que se configura há muito tempo, em que posições de trabalho hierarquicamente entendidas superiores não eram concedidas às mulheres, parte da divisão sexual do trabalho, a qual às mulheres foram sempre destinados postos submissos aos homens, bem como papéis de cuidado dentro e fora do espaço domiciliar (BIROLI, 2016). Apresentamos esse quadro ambicionando destacar aspectos sociais que podem vir a determinar onde encontram-se esses indivíduos perante à sociedade que os cerca, logo, como constituem a instituição escolar em questão.

Dessarte, salienta-se que após o nascimento, esses sujeitos são inseridos em uma comunidade e núcleo familiar já estruturados e com histórias próprias, sendo estes indivíduos não responsáveis pelo o que já foi constituído. Assim, os aspectos da macroestrutura, que fundamentam suas origens, ocasionam grande parte da trajetória que poderá ser traçada por tais indivíduos, baseadas em seus gêneros, raça, condição financeira familiar, graus de escolaridade dos pais, entre outros fatores.

Entretanto, durante suas vidas cotidianas, estes indivíduos aderem a outros símbolos, interagem com outros grupos sociais, descobrem outra maneira de ser e estar em sociedade, em

que outros formatos de relação são experimentados, tomam-se assim, uma nova consciência coletiva e individual, onde traduzem para si, o que até então não os pertencia.

São essas experiências, entre outras que constituem os alunos como indivíduos concretos, expressões de um gênero, raça, lugar e papéis sociais, de escalas de valores, de padrões de normalidade. É um processo dinâmico, criativo, ininterrupto, em que os indivíduos vão lançando mão de um conjunto de símbolos, reelaborando-os a partir das suas interações e opções cotidianas. (DAYRELL, 1996, p. 4)

Diante do exposto, entende-se que os alunos carregam consigo inúmeros fatores acerca de suas relações sociais, constituições familiares, meio social onde estão inseridos, além de suas próprias percepções de mundo. Por meio da análise destes elementos, percebe-se a urgência em considerar aspectos particulares, na tentativa de alcançar a visão dos discentes, e o contexto de suas formações.

Evidencia-se que a grande maioria dos discentes possuem uma baixa renda financeira, ainda mais quando se pensa na quantidade de pessoas com quem residem, como apresentado na tabela a seguir, embasado nos dados obtidos por meio da aplicação do questionário⁷.

Tabela 2: perfil familiar dos alunos que participaram do grupo focal

Renda familiar	22 participantes afirmaram que a renda familiar está entre 1 s.m. a 3 s.m. (88%), e 03 participantes afirmaram que a renda familiar está entre 3 s.m. a 4 s.m. (12%);
Número de residentes do domicílio	16 participantes afirmaram residir com entre 1 a 4 pessoas (64%), 08 participantes afirmaram residir com entre 5 a 7 pessoas (32%), e 01 participante não informou (4%);
Escolaridade do pai	14 participantes informaram que seu genitor possui como escolaridade Ensino Fundamental Incompleto (56%), 03 informaram que o genitor possui Ensino Fundamental Completo (12%), 05 informaram que o genitor possui Ensino Médio Incompleto (20%), 01 informou que o genitor possui Ensino Médio Completo (4%), 01 informou que seu genitor possui Curso Superior Completo (4%), e 03 informaram não saber (12%);
Escolaridade da mãe	16 participantes informaram que sua genitora possui como escolaridade Ensino Fundamental Incompleto (64%), 06 informaram que a genitora possui Ensino Médio Completo (24%), e 03 informaram que sua genitora possui Curso Superior Completo (12%);

A partir das informações contidas nesta tabela, é possível relacionar tais dados aos contextos em que os alunos estão inseridos e a maneira como isto os influencia diretamente.

⁷ Situado no “Apêndice B” ao final do texto.

Sobre informações que direcionam-se à renda familiar, pode-se observar que 88% dos discentes estão situados em núcleos em que o faturamento mensal limita-se à 3 s.m. Assim, é indispensável refletir sobre as formas em que este fato influencia os rendimentos escolares desses sujeitos, considerando suas possibilidades de locais de estudos em casa, alimentação, apoio familiar, entre outros pontos.

Há de se destacar que a escolaridade dos pais e mães converge com os apontamentos anteriores sobre quais camadas da população possuem a oportunidade de ingressarem em cursos superiores, tal qual do ambiente escolar instaurar-se como um mecanismo de manutenção social, onde os alunos em foco ainda representam um reflexo deste formato social, em que somente 09 das 25 genitoras terminaram o ensino básico, quadro agravado ao tange a realidade dos genitores, uma vez que apenas 02 dos 25 concluíram o ensino médio.

Torna-se muito claro o quanto as adversidades de seus meios sociais podem impactar suas formações como estudantes, pois, apesar das mudanças regimentais que tornam obrigatórias suas matrículas em instituições de ensino, a realidade em que estão dispostos ainda representa muitos obstáculos às suas configurações como estudantes, evidenciando as ações de indivíduos que lutam cotidianamente para ocupar este espaço que historicamente não os pertence.

Logo, as classes sociais destes sujeitos são indicadores infelizes de seus futuros como alunos, ao passo que indicaram o mesmo para seus familiares, revelando formulações sociais impositivas sobre esses sujeitos marginalizados. Entretanto, pontuamos que apesar de simbolizar uma possível trajetória, os indivíduos, devido suas próprias escolhas e vínculos ao longo da vida, podem se distanciar desta situação limitante, circunstância possível, mas improvável, justamente pelas oposições sociais que agem sobre eles.

Ainda, compreende-se como o estreito índice de escolaridade dos pais relaciona-se aos dados sobre a possível realização do ENEM e necessidade de exercerem atividades laborais para darem continuidade aos estudos, como disposto no “Tabela 3”. Estas conclusões são também elucidadas por Bourdieu e suas formulações, na medida em que

As atitudes dos membros das diferentes classes sociais, pais ou crianças e, muito particularmente, as atitudes a respeito da escola, da cultura escolar e do futuro oferecido pelos estudos são, em grande parte, a expressão do sistema de valores implícitos ou explícitos que eles devem à sua posição social. (BOURDIEU, 2007, p. 46)

Tabela 3: dados acerca da possível realização do ENEM

Pretensão ao finalizar o Ensino	08 participantes afirmaram pretender ingressar na universidade (32%), 04 participantes pretendem trabalhar (16%), 09 participantes
--	---

Médio	pretendem trabalhar e estudar, simultaneamente, (36%), 02 participantes pretendem ingressar em cursos profissionalizantes (8%), e 02 participantes marcaram a opção “outro” (8%);
Possibilidade de realizar o ENEM	13 participantes afirmaram que irão realizar o ENEM em 2023 (52%), 05 participantes não irão realizar (20%), e 07 participantes já realizaram e irão realizar novamente este ano (28%);

Assim, destaca-se as percepções dos alunos acerca da disciplina de sociologia como também fruto deste contexto extra escolar, onde, muitas vezes não resguardados por uma condição familiar financeiramente abastada, esses sujeitos são impossibilitados de se dedicarem exclusivamente aos estudos ou, até mesmo, de compreenderem a real importância da educação como geradora de oportunidades e de uma conscientização emancipadora. Forma-se, conseqüentemente, o entendimento de que o êxito escolar dos indivíduos está intimamente relacionado ao seu núcleo familiar.

Tabela 4: dados sobre a realização de atividades laborais

Exercer atividade laboral	17 participantes afirmaram não exercer atividade laboral (68%), 05 participantes afirmaram exercer (20%), e 03 participantes marcaram a opção “outro” (12%);
Necessidade de trabalho para dar continuidade aos estudos	16 participantes afirmaram precisar trabalhar para dar continuidade aos estudos (64%), 05 participantes afirmaram não precisar (20%), e 04 participantes marcaram a opção “talvez” (16%);

Observa-se, através da “Tabela 4”, que grande parte dos discentes compreendem como impositivo trabalharem após o término do ensino básico, este contexto está intimamente ligado às suas condições financeiras citadas acima, ao passo que, em razão de suas composições sociais, torna-se difícil ou mesmo impossível os estudantes não trabalharem, pois parte de suas rendas são voltadas à manutenção de seus núcleos familiares.

Por meio dos dados obtidos, relacionados ao exercício de atividades laborais, percebeu-se a importância de, durante o grupo focal, perguntar aos participantes o impacto destas atividades em suas rotinas de estudo, e a forma como os alunos que trabalham são prejudicados, considerando a escassez de tempo, bem como o cansaço físico. Sobre esta temática, observa-se nas falas o quanto os discentes percebem este fato e, sobretudo, se incomodam com isso:

Estudante 10: A maioria dos alunos que trabalham costumam faltar muito de aula, isso prejudica a pessoa, porque não tem tempo para estudar e descansar. (Relato oral no grupo focal, 28 set. 2023)

A respeito desta questão - juventude e trabalho, ressalta-se a maneira como, para os jovens, “[...] o trabalho é indicado como um dos direitos mais importantes de cidadania, assim como um dos direitos essenciais dos quais deveriam ser detentores” (ANDRADE, p. 2008, p. 25). Desta forma, forma-se, por meio desta contribuição, a apreensão do porquê 64% dos alunos participantes da pesquisa compreendem como necessário realizar atividades laborais para darem continuidade aos estudos após a conclusão do ensino médio.

[...] é, sobretudo enquanto um fator de risco, instabilizador das formas de inserção social e do padrão de vida, que o trabalho se manifesta como demanda urgente, como necessidade, no coração da agenda para uma parcela significativa da juventude brasileira. Ou, de outra forma, é por sua ausência, por sua falta, pelo não trabalho, pelo desemprego, que o mesmo se destaca. (GUIMARÃES, 2004, p.12)

Ademais, outros fatores também interferem em seus desempenhos escolares, como apresentados na “Tabela 5”, o meio de transporte utilizado pelos alunos é um traço relevante, dado que é por meio deste que é possível a eles frequentar a instituição de ensino, tendo em vista o local em que residem, muitas vezes distantes da escola.

Tabela 5: dados sobre o deslocamento até a escola

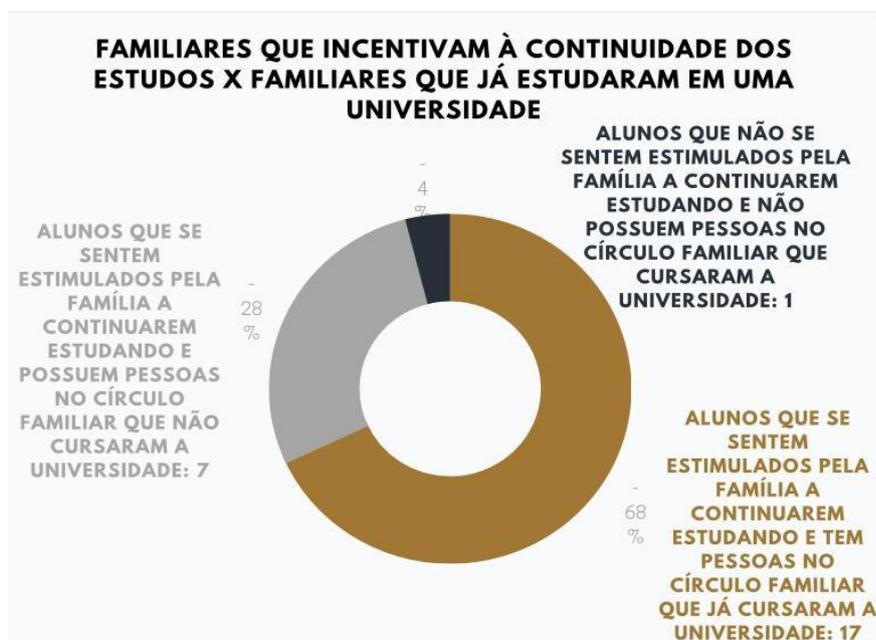
Deslocamento até a escola	20 participantes afirmaram ir de transporte público para a escola (80%), 03 participantes afirmaram ir a pé (12%), e 02 participantes afirmaram ir de transporte particular (8%);
----------------------------------	---

Posto isso, as contribuições de Bourdieu assumem que a estratificação social é vinculada aos anseios familiares e à estrutura escolar em que o sujeito se encontra inserido, logo, pertencer às classes populares atribui-se à grande possibilidade do não ingresso em cursos superiores e ao desfavorável desempenho escolar, tendo em mente que

[...] a influência do capital cultural se deixa apreender sob a forma da relação, muitas vezes constatada, entre o nível cultural global da família e o êxito escolar da criança. A parcela de ‘bons alunos’ em uma amostra da quinta série cresce em função da renda de suas famílias (BOURDIEU, 2007, p. 42).

Esta situação é apresentada no gráfico abaixo, onde foram analisados e combinados os dados relacionados ao incentivo familiar à continuidade dos estudos e à presença de familiares em universidades, indagados no questionário aplicado.

Gráfico 1: combinação das perguntas 16 e 17 do questionário



Percebe-se que, apesar destas circunstâncias e suas decorrências, há incentivo familiar para a continuidade dos estudos dos alunos em foco e seus ingressos em universidades ou cursos profissionalizantes, essa afirmação se sobressai embasada em produções acadêmicas que propõem-se a analisar a educação para além do caráter reprodutivo bourdieusiano, como as de Bernard Lahire (2002; 2004), onde o autor discute o conceito de *habitus* de classe, e observa que “[...] todo indivíduo está mergulhado em uma pluralidade de mundos sociais e submetido a princípios de socialização heterogêneos, por vezes contraditórios, que então incorpora” (2002, p. 31). À vista disso,

Lahire sugere que um indivíduo possa desenvolver uma pluralidade de *habitus* segundo as experiências que vivencia. Neste sentido, nas sociedades com maior heterogeneidade cultural, a família não tem mais o monopólio da educação legítima das crianças. [...]. Ao analisar o desempenho escolar nos meios populares, destaca o quanto pode haver pluralidades nas relações familiares e escolares que concorrem para o sucesso ou fracasso. (MONGIM, 2015, p. 149)

Esta conjuntura demonstra-se nos relatos dos discentes, nos quais a maioria dos participantes afirmaram se sentir amparados por seus familiares durante seus processos de vestibulandos, onde, diante do item 16 do questionário - “Você se sente estimulado por seus familiares a continuar estudando?” - 96% dos alunos responderam “Sim”. Ainda sobre isso, Bernard Lahire (1997) apresenta alguns perfis de configurações para análise da influência do núcleo familiar no sucesso escolar dos discentes advindos de meios populares, através de sua pesquisa, o autor conclui que a família interfere mais na “periferia” da escola do que nela em

si, deste modo, considerando os dados apresentados, é possível perceber que esta interferência pode manifestar-se em apoio emocional, confiança e demonstração de afeto e credibilidade.

O investimento pedagógico não é a única e exclusiva chave para conseguir que, do ponto de vista, as crianças, em meios populares, tenham “êxito”. Os pais, neste caso, exercem uma vigilância moral que ultrapassa muito o caso da escola. Não podendo ajudar os filhos na escola, o importante para eles é fornecer-lhes boas condições de vida, dar-lhes o que precisam, [...]. (LAHIRE, 1997, p. 192)

Tendo em vista tais multiplicidades que fundam os alunos como sujeitos, conseqüentemente, embasam suas visões de mundo e suas percepções acerca da escola e ensino, pensa-se nas contribuições de Bourdieu, a respeito do capital cultural e social, já mencionadas anteriormente, para nos aproximar desses alunos, partindo para uma análise que abarque as individualidades dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Utiliza-se então esses conceitos para discutir o desempenho escolar e as apreensões que são formadas sobre este contexto, na medida em que

A noção de capital cultural impôs-se, primeiramente, como uma tese indispensável para dar conta da desigualdade de desempenho escolar de crianças provenientes das diferentes classes sociais, relacionando o “sucesso escolar”, ou seja, os benefícios específicos que as crianças das diferentes classes e frações de classe podem obter no mercado escolar. Este ponto de partida implica em uma ruptura com os pressupostos inerentes, tanto à visão comum que considera o sucesso ou fracasso escolar como efeito das “aptidões” naturais, quanto às teorias do “capital humano” (BOURDIEU, 2007, p. 73).

Então, há de se salientar, que tais diferenças constituem estes indivíduos e perpassam pelas suas visões de mundo e futuro. A escola mostra-se assim, um local em que suas individualidades são exibidas, criticadas e exaltadas, num processo que ambiciona as utilizar como propulsoras, mas muitas vezes não possui os mecanismos corretos para este ato. Neste quadro, a disciplina de sociologia emerge como instrumento de encontro desses sujeitos com a sociedade e suas questões fundamentais, com este propósito, a sociologia como saber educacional será abordada no próximo tópico.

3.2 A SOCIOLOGIA E A EDUCAÇÃO

A sociologia e a educação estiveram ligadas desde o surgimento desta ciência, objetivando a emancipação dos sujeitos e o incentivo à maior criticidade. Comparato (2020) observou este quadro e afirmou comprová-lo na especial atenção dada por Émile Durkheim e Florestan Fernandes à temática. Assim, ao realizar uma contextualização com ambos os autores, Comparato entende que os apontamentos de Durkheim direcionavam-se ao ensino público, dado que “[...] não podemos perder de vista qual é o objetivo da instrução pública.

Trata-se de formar não operários para a fábrica ou contabilistas para o comércio, mas sim cidadãos para a sociedade” (DURKHEIM, 1885, p. 451 *apud* COMPARATO, 2020, p. 2).

Nesse viés, Fernandes (1997) examina as vicissitudes do ensino de sociologia no Brasil e suas intempéries. À vista disso, afirma que muito se destaca o ensino das ciências sociais como um meio de elucidação aos alunos de seus direitos e deveres como cidadãos, principalmente ao pensarmos na dimensão territorial e cultural do país.

Tendo em vista a constituição relativamente jovem da nação brasileira, Florestan Fernandes (1997) também aponta que a adequação de conteúdos, que possibilite aos alunos uma compreensão do que o docente da área se refere - a não utilização de termos abstratos e distantes da realidade social dos alunos - é uma das ferramentas de reafirmação dos processos de socialização, logo, de um afastamento de sentimentos coloniais, promovedores da valorização do que por muito se considerou culto. Desta forma, o ensino volta-se para uma contextualização da sociedade brasileira e consciência política dos discentes, evitando a reverberação de noções gerais e senso comum.

Embora a escola não esteja acima do entrechoque dos interesses econômicos e das lutas políticas, é claro que ela poderia ter desempenhado um papel construtivo na formação da consciência cívica dos cidadãos, contribuindo para criar uma ética da responsabilidade e uma atitude de autonomia crítica em face do funcionamento das instituições políticas ou das injunções personalistas dos mandatários do poder. (Fernandes, 1977, p. 103)

Não obstante, a disciplina de sociologia no Brasil, como exposto anteriormente, desde seu princípio enfrentou desafios estruturais que, por consequência, dispôs ao seu ensino funções compreendidas como inferiores e substituíveis frente à saberes considerados mais importantes e legítimos. Deste modo, além desse descaso histórico, nos últimos anos ainda enfrentamos os obstáculos impostos pelo Novo Ensino Médio, também já mencionados.

Além disso, a introdução da sociologia nas escolas básicas foi anterior ao primeiro curso de Ciências Sociais no Brasil, estabelecido apenas na década de 1930⁸, demonstrando que os docentes da disciplina, até aquele momento, não eram licenciados na área, se tratavam de bacharéis nos mais distintos campos de conhecimento relacionados à sociologia, o que exemplifica as possíveis dificuldades introdutórias em percebê-la para além de ciência, mas também como um saber escolar (ANTUNES; OLIVEIRA, 2017).

⁸ Os primeiros cursos de Ciências Sociais criados no Brasil foram na década de 1930, na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (1933), Universidade de São Paulo (1934), Universidade do Distrito Federal e Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná (1938).

Ainda, Amaury Cesar Moraes (2003) aponta que a educação, não tratando-se somente da sociologia, há muito enfrenta um cenário de desvalorização, muito relacionado ao ensino básico. Justamente por isso, passou-se, após a década de 1960, a não vincular a institucionalização desta ciência com o ambiente escolar, pela compreensão deste último fator como inferior às realizações tidas como unicamente científicas. Encontra-se neste ponto, a urgência apresentada pelos profissionais da área pela implantação do bacharelado em todos os cursos de Ciências Sociais, dado que a licenciatura foi tomando um local de descredibilização entre os próprios cientistas sociais.

Revela-se, portanto, a necessidade do entendimento das percepções dos alunos sobre o ensino de sociologia, assim como compreender de que maneira esta vem sendo trabalhada no ambiente escolar, para que seja possível assimilar a perspectiva dos estudantes sobre função da sociologia, logo, se a disciplina tem contribuído para a formação crítica em relação ao meio que os cerca, os auxiliando a desnaturalizar e se atentar à constituição da sociedade, afastando da escola uma posição, por ela mesmo construída, que tendência a repressão da aprendizagem à formas nocionais, que são, além de tudo, ingênuas (FREIRE, 2022).

Essas adversidades vividas cotidianamente pela disciplina e seus docentes, são percebidas nas falas dos alunos durante o grupo focal, em que são expostos distintos pontos acerca da disciplina, como a escassez de aulas durante a semana, os impactos do NEM para o estudo desta ciência, os métodos avaliativos, entre outros fatores. Nesse sentido, nos atentamos para a atividade científica sociológica, a qual Anthony Giddens (2012, p. 19) afirma tratar-se de uma

[...] atividade fascinante e instigante, pois seu tema de estudo é o nosso próprio comportamento como seres sociais. [...] Ela nos ensina que aquilo que consideramos natural, inevitável, bom ou verdadeiro pode não ser, e que as coisas que consideramos como normais são profundamente influenciadas por fatos históricos e processos sociais.

Logo, pensa-se a disciplina como participante ativa na formação de sujeitos que compreendam a sociedade ao seu redor, se valorizem e reconheçam seu potencial como meios de transformação social, peças de um todo para conscientização e modificação do coletivo e, sobretudo, aptos a identificarem e denunciarem discursos infundados acerca da vida em sociedade. A partir disso, perguntou-se aos estudantes o que pensam sobre as aulas de sociologia e as respostas voltaram-se aos pontos que salientamos:

Estudante 10: A sociologia se trata de estudar as coisas que acontecem na sociedade, as relações sociais. (Relato oral no grupo focal, 28 set. 2023)

Estudante 16: Aprendemos muito sobre os conceitos de democracia e ética. (Relato oral no grupo focal, 28 set. 2023)

Estudante 14: Eu gosto muito da aula, principalmente por causa dos debates, o professor gosta que a gente exponha nossos pensamentos, os debates são sempre muito bons, e é somente na aula de sociologia que podemos falar assim, dizer o que a gente pensa. (Nome do professor da disciplina) foi o primeiro que trouxe esse tipo de atividade pra gente, ele questiona a gente. (Relato oral no grupo focal, 28 set. 2023)

Entretanto, a referenciada aproximação do fazer sociológico com a realidade empírica dos indivíduos acaba por aproximar suas contribuições com o que compreende-se como senso comum, o que, apesar de possibilitar novas oportunidades, define um desafio para os docentes da área, em razão da dupla hermenêutica que permeia a disciplina, identificada em nível teórico e metodológico. Desta forma, estes desafios “[...] postos ao Ensino de Sociologia, [...] devem tanto a aspectos ontológicos da própria ciência social quanto a aspectos contingenciais, dizem respeito às condições objetivas em que este ensino é realizado” (OLIVEIRA, 2014, p. 1020). Sob essa perspectiva, Oliveira (2014) salienta que esta ciência dedica-se a estudar um mundo já explicado, ao contrário das outras ciências que voltam-se ao desconhecido. Verifica-se nestes argumentos algumas das sombras que acompanham a sociologia e fundamentam a concepção dos entraves vivenciados por esse saber escolar.

Para além, os desafios enfrentados impactam diretamente a presença da disciplina e o resultado de sua aprendizagem, a respeito desses, pensa-se nos professores e a ausência de especialização e licenciatura na área, realidade que acarreta na descredibilização da sociologia, tendo em vista que seus objetos de estudo são dispostos na vida cotidiana e, devido a isso, os alunos e profissionais despreparados não compreendem os métodos de análise para o feitiço desta ciência, não alcançando o discernimento entre opiniões, senso comum e categorias analíticas, como disposto acima. Sobre este quadro, Raizer (2017, p. 18) afirma que a sociologia é o saber escolar mas ministrado por profissionais de outras áreas de conhecimento, “[...] entre os doze componentes curriculares do ensino médio, a disciplina de Sociologia é a que apresenta a maior incidência de professores não graduados na área; em 2013, observa-se que 88,2% não têm formação específica”.

Desponta-se assim, a percepção de problemas estruturais da disciplina, que constroem todo um quadro de falhas e limitações educacionais. É necessário uma “[...] educação que o colocasse em diálogo constante com o outro. Que o predispusesse a constantes revisões. À análise crítica de seus ‘achados’. A uma certa rebeldia no sentido mais humano da expressão. Que o identificasse com métodos e processos científicos” (FREIRE, 2020, p. 119). O fato de ser somente uma aula por semana destaca-se como elemento que impede uma educação ampla sobre os saberes da área:

Estudante 24: O fato de ter só uma aula por semana dificulta muito, nem temos tempo de aprender nada. Uma aula é muito pouco, tem tópicos que a gente nem pode passar direito. (Relato oral no grupo focal, 28 set. 2023)

Estudante 06: Desde o início gostamos das aulas, isso não mudou com o tempo, o problema é que realmente temos poucas aulas de sociologia. (Relato oral no grupo focal, 28 set. 2023)

Estudante 16: Devido a essa falta de tempo não podemos aprender sobre muitos sociólogos, essa é nossa principal crítica. (Relato oral no grupo focal, 28 set. 2023)

Sabe-se que tais reclamações fundam-se na realidade atual, em que, devido à globalização e à mundialização do capital, o setor privado se aproxima cada vez mais do espaço escolar, e mina as possibilidades de estabelecimento dessa disciplina, focada no questionamento dos aspectos sociais. Neste cenário, Octavio Ianni (1997) preocupa-se com o contexto em que a disciplina está inserida, identifica a necessidade de novas reflexões acerca de seu processo, pois o estranhamento e desnaturalização, impulsionados pela sociologia, combinam a prática humana com a autoconsciência da realidade.

Em razão da escassez de aulas da disciplina, tem-se fatores que são desencadeados. Há de se pensar nas formas alternativas de ensino que são passíveis de aplicação em 50 minutos de aula semanais, como a utilização de aparelhos tecnológicos durante a apresentação do conteúdo, a contínua explicação de um conteúdo específico, a aproximação com os discentes, e a possibilidade de oferecer aulas em outros ambientes da escola. Durante esta única aula, os docentes deparam-se com impedimentos tamanhos, que por vezes ocupam grande parte destes 50 minutos, ocasionando em um falho compartilhamento de conteúdos e descontinuidade didática. Nesse viés, a frágil carga horária da disciplina denuncia um

o elevado percentual de docentes que atuam em um grande número de escolas concomitantemente, assim como em turnos distintos. Quais as implicações disso para a qualidade da atuação docente e a desejada construção de vínculos com a comunidade escolar, continua a ser um tema pouco explorado empiricamente. (RAIZER, 2017, p. 24)

Ademais, a ausência do oferecimento da disciplina para as turmas do 2º ano há tempos representa pautas de luta dos profissionais da área, dado que em razão disso há a descontinuidade de conteúdo e trabalho pedagógico, pois o que se trabalha com os discentes matriculados no 1º ano, ao chegarem no 3º ano já foi esquecido pelos mesmo, é travada então uma batalha circular entre lembrar o que se passou e a apresentação de novas temáticas.

Apesar disso, ressalta-se os inúmeros pontos em que esta disciplina se destaca, mostrando-se contra tamanhos estímulos encobertos de fracasso, revelando uma batalha diária contra a correnteza formada pelo sistema de ensino nacional.

Estudante 23: Acredito que a sociologia está sendo muito prejudicada, se antes já estava, imagina agora. (Relato oral no grupo focal, 28 set. 2023)

Estudante 20: O professor sempre tira a gente da sala, leva pra outros lugares, usamos o multiuso, nos dias de calor ele leva a gente lá pra fora, que é mais fresco. (Relato oral no grupo focal, 28 set. 2023)

Para além disso, encontra-se nos métodos de avaliações da disciplina uma manifestação desse movimento contrário, tendo em mente as avaliações tradicionais que são, em muito, injustos com os discentes presentes na instituição⁹, considerando seus locais de estudo disponíveis, as jornadas de trabalho, meios de locomoção, entre outros fatores já citados, que embasam suas disponibilidades e equilíbrio psicológico e físico para a dedicação aos estudos. Destarte é necessário repensar o contexto em que a escola é situada para que se possa propor métodos avaliativos.

Ao promover, mesmo que informalmente, avaliações dos estudantes com base em comportamentos e habilidades culturalmente valorizados, a escola interpretaria essas aptidões como manifestações inatas, reforçando suas funções de reprodução e legitimação das desigualdades, pois, como já visto, esses seriam saberes que, em grande parte, somente seriam adquiridos pelos filhos dos meios mais favorecidos culturalmente. (RAMOS, 2020, p. 18)

Sobre isso, os discentes participantes da pesquisa afirmaram:

Estudantes 16 e 10: Ele geralmente dá uma autoavaliação pra gente, e avalia sua participação nas aulas. Mas no geral ele pergunta quanto você acha que merece, e a pessoa tem que ser sincera, é claro que tem gente que abusa, mas gostamos muito desse método, é diferente, nos dá liberdade e nos faz questionar se fomos bons alunos. (Relato oral no grupo focal, 28 set. 2023)

Em razão disso, percebe-se o ensino da sociologia como incentivador de uma libertação e consciência individual, ultrapassando as barreiras de uma passagem de conteúdo, adentrando os limites de uma função social de formação cidadã. Repetimos isso durante o presente trabalho para que possamos dialogar com essa temática e enfatizá-la como imprescindível ao contexto escolar.

Por conseguinte, entende-se como necessária uma adaptação das ferramentas desta disciplina ao ato de ensiná-la em ambientes educacionais, considerando a tradução de saberes científicos em saberes escolares, como apontado por Lahire (2014). O autor ainda afirma que “se a experimentação está no fundamento das ciências da matéria e da natureza, o espírito de investigação está na base de todo o mundo social” (LAHIRE, 2014, p. 55). As contribuições do autor descrevem, para além de uma institucionalização da disciplina, e os meios para tal, discentes preparados para analisar a vida que os envolve, retirando o status da sociologia como

⁹ **Estudante 04:** Acho que as avaliações poderiam ser menos confusas, porque não explicam como vão ser distribuídas as avaliações e as nossas notas. Tem professores que dão as notas baseadas se o aluno é bom ou não, não pelo desenho na prova.

algo estritamente intelectual e retido à camadas sociais específicas, possibilitando sua compreensão como saber formado e sustentado por observações da vida social.

Salienta-se então, as consequências do Novo Ensino Médio para a disciplina, visando contextualizá-la no cenário atual e a firmando como elemento contrastante ao que se compreende como o ensino tradicional e seus mecanismos de controle, juntamente com outros saberes minimizados. Neste quadro, urge evidenciarmos as margens neoliberais que sustentam esta reforma educacional, tal qual a flexibilização curricular, ocasionadora de um processo de desdisciplinarização curricular, ancorados em ideais meritocráticos (BODART; OLIVEIRA, 2022).

A implementação do NEM traz à tona questionamentos já presentes, mas que tornaram-se imperativos nos últimos anos, considerando que a Formação Geral Básica do CREM-MG (2021, p. 228), compreende a sociologia como “componente curricular obrigatório da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas no Ensino Médio”, inclusive dispõe as principais temáticas a serem trabalhadas com os discentes - “identidade, trabalho, desigualdade social, gênero, classe, raça, sexualidade, cultura, violência, entre outros, de maneira crítica e informada, o que dificilmente seria possível se o ensino de Sociologia não fizesse parte do currículo nesta etapa do ensino” (MINAS GERAIS, 2021, p. 228-229).

Contudo, sabemos que isto não se aplica ao cotidiano escolar, justamente devido ao descaso com materiais didáticos e com a remuneração adequada aos docentes que, como supracitado, por não alcançarem as horas necessárias para completarem um cargo, trabalham em mais de uma instituição, deste modo o cansaço resultante obviamente reduz a produtividade dos mesmos. Além disso, muitos dos itinerários formativos trazem temas sociológicos mas, por não exigirem formação específica, acarretam na

[...] desregulamentação profissional docente e para o acirramento de disputas entre docentes por carga horária. Consequentemente, poderemos presenciar um desestímulo à qualificação e à especialização profissional, impactando a identidade com o campo científico e retirando do(a) docente a sua autoridade científica da área que representa em sala de aula. (BODART; OLIVEIRA, 2022, p. 144)

Outrossim, esta desordem curricular acarreta em inseguranças àqueles alunos que ambicionam realizar o ENEM, dado que não se sentem preparados a relacionar temas durante o feito da redação, bem como se sentem inseguros durante a prova objetiva.

Um segundo aspecto é a articulação entre a experiência que a escola oferece, na forma como estrutura o seu projeto político pedagógico, e os projetos dos alunos. Se partíssemos da ideia de que a experiência escolar é um espaço de formação humana ampla, e não apenas transmissão de conteúdos, não teríamos de fazer da escola um lugar de reflexão (refletir ou seja, voltar sobre si mesmo, sobre sua própria experiência) e ampliação dos projetos dos alunos? (DAYRELL, 1996, p. 6)

Sobre isso, percebe-se que a visão dos alunos participantes do grupo focal acerca do professor da disciplina embasa-se em posicionamentos do mesmo em torno de conversas e diálogos abertos, onde os discentes apontam se sentir libertos para expor suas opiniões sobre os assuntos abordados,

Estudantes 6, 4 e 22: Os professores obrigam a gente a querer fazer o ENEM, julgam e pressionam quem não quer fazer faculdade. A gente se sente diminuído, precisamos entender que esse não é o objetivo de todo mundo, é errado desvalorizar as outras profissões. O (nome do professor da disciplina) é o único que não julga quem diz não querer, ele entende que não é a realidade de todo mundo. (Relato oral no grupo focal, 28 set. 2023)

Não obstante, traça-se a relação entre esses atores da aprendizagem como advinda de aspectos que caracterizam a disciplina de sociologia, pois ao abordarem, em conjunto, temas presentes em suas vidas cotidianas, o ensino desta ciência coloca como destaque o que por eles é compartilhado, os afirmando como seres históricos que compartilham de características além de suas próprias, deste modo, como pertencentes de um todo social que os universaliza ao mesmo passo que expõe suas individualidades.

No mais, entendemos como necessário tecer relações entre os motivos que alicerçam a permanência desta disciplina no ensino básico, justamente tencionando a produção de estudos que dialoguem com a presença da mesma como fundamental. Ao longo desta pesquisa apresentamos insistentemente a importância desta ciência na escola, entretanto, é sabido que outras disciplinas, em especial as da área de ciências humanas, também são voltadas à criticidade e desnaturalização, levando isso conta, Bodart (2021) afirma que “[...] o que torna a Sociologia escolar peculiar, específica, é o olhar (ou perspectiva cognitiva) histórico-relacional-dialético das estruturas sociais que ela pode despertar nos(as) estudantes, e não apenas a desnaturalização e estranhamento dos fenômenos sociais” (p. 149).

Estudante 15: Nós levamos sim para a vida o que aprendemos na aula de sociologia, porque ela fala sobre a nossa vida, nossa vida em sociedade. Tudo o que a gente faz e pensa está ligado a isso. Vamos vivenciar o que discutimos aqui, aprendemos sobre divisão do trabalho, sobre política, então tudo que falamos na aula de sociologia faz, ou vai fazer, parte da nossa vida. (Relato oral no grupo focal, 28 set. 2023)

Deste modo, a sociologia como saber educacional pode aproximar os alunos de si mesmos como sujeitos que possuem a vocação de ser mais, histórica e ontologicamente. Neste lugar é onde se encontra a autêntica práxis e seu saber como objeto de reflexão crítica, sendo então a sociologia não a protagonista de transformações, mas sim, um caminho para a reflexão, entre as muitas ações que pode associar-se à libertação. Nesse sentido, “[...] qualquer prática a ser desenvolvida se sustenta e é criada a partir de sua fundamentação teórica, é teoricamente

orientada e, mais ainda, na prática a teoria de valida” (SOUZA, 2017, p. 249). Isto se fundamenta quando pensa-se nas contribuições teóricas expostas pela disciplina em foco, como meio instigador de intervenções da realidade, que se concretizam somente pela práxis.

Por fim, forma-se a concepção de que o estudo da sociologia no ensino básico necessita estabelecer-se como disciplina, para que estudos com esta temática sejam produzidos, trazendo à discussão sua manifestação e pertencimento àquele ambiente. Todavia, nesta caminhada já se planta boas sementes para o futuro, semestres estas conscientes da importância da sociologia para suas formações e como sujeitos inseridos em um todo social.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As instituições de ensino público brasileiras há muito vivem situações difíceis, ocasionadas por falhas advindas de setores distintos da sociedade. Em alguns momentos da história, essas crises acarretaram reformas educacionais que, projetadas sem abranger todo o contexto em que os discentes estão inseridos, são fadadas ao contínuo fracasso. Neste âmbito, os discentes são os sujeitos que sofrem as consequências dessas falhas, e se sentem cada vez mais prejudicados e abandonados pelo sistema.

Afirma-se que a pesquisa em questão sobressaiu-se como necessária vista as adversidades enfrentadas pelo ensino público no país, as formas como tais desafios impactam a educação e os indivíduos que nele são matriculados, considerando as falhas compreensões acerca da presença desses sujeitos, e o apagamento cada vez maior de uma formação cívica e provedora de uma sociedade diversa. Neste quadro, a disciplina de sociologia desponta-se como ferramenta de transformação e exaltação dos potenciais dos discentes, trazendo à tona seus conhecimentos adquiridos ao longo de suas vidas e unindo-os à cientificidade deste saber.

Desta maneira, sendo os alunos indivíduos distintos, necessitam de medidas que possam compreendê-los como independentes e diversos, objetivando a viabilização de suas capacidades e possíveis contribuições para o ensino, em que são, juntamente aos docentes, os atores principais. Desponta-se assim, a urgência de modificações que entendam o ambiente escolar a partir da perspectiva desses sujeitos que lá estão cotidianamente, tal qual a valorização

e capacitação dos docentes, para que possam realizar seus trabalhos dignamente e de maneira completa.

Dessarte, torna-se imprescindível nos dirigirmos aos docentes, ao passo que representam a base do processo de ensino e aprendizagem. O abandono à profissão docente caracteriza o cenário educacional brasileiro, entretanto, mais do que nunca, entendemos que é preciso apontar problemas e propor mudanças, devido à recente implementação da última reforma do sistema de ensino, urge a construção de diálogos acerca da expansão do ensino de disciplinas que não são envolvidas diretamente com as áreas de formação dos profissionais, como os itinerários formativos. Também, há a má remuneração e descrédibilização sobre a profissão, que já alcançou o imaginário social de forma que, muitas vezes, professores não se sentem orgulhosos e satisfeitos com suas funções.

Neste quadro, a disciplina de sociologia representa todos os desafios educacionais, pois fundou-se há pouco tempo no cenário educacional brasileiro, conseqüentemente ainda enfrenta adversidades já vencidas por outros saberes escolares. Assim, trava-se uma luta diária contra os mecanismos de silenciamento voltados à supressão desta disciplina, que obtém como objetivo máximo a contextualização histórica dos discentes dentro do processo de ensino, os situando como atores dos processos estudados e analisados em sala de aula.

Salienta-se que a Ciências Sociais age nesse contexto como incentivadora da desnaturalização e criticidade, considerando metodologias que inserem os alunos como centro da discussão, por meio de uma contextualização dialogada e histórica. Neste ponto encontramos o eixo chave de pertencimento sociológico nas escolas, onde a cientificidade encontra-se com o saber cotidiano, e formula conhecimentos que ultrapassam os limites da sala de aula.

Entendemos que tamanha responsabilidade de formação não deveria ser imposta somente à disciplina de sociologia, dado que a formação cidadã está inserida em todos os currículos escolares, mas em algum momento nos deparamos com este fato, e absolutamente não é algo de que possamos recuar. Parte-se assim, do pressuposto, agora compreendido como certeza, de que ao professor da disciplina são voltados olhares juvenis que anseiam por compreensão e valorização individual, por incentivos de participação e crença em seus potenciais de transformação. Além disso, compreendemos que para que se almeje um futuro diferente é necessário que haja esperança nos indivíduos e nos seus potenciais, os distanciando de um domínio de determinações que não os dão liberdade de decisão, opção e ética.

Neste trabalho, formamos ligações e contrastes entre a educação e a sociologia, visamos perceber os olhares dos discentes sobre a escola e esta disciplina, entretanto nos deparamos com relatos que foram além do que esperávamos, onde alunos que irão terminar agora este ciclo educacional, se provaram cientes de tudo o que os cerca, com queixas e exaltações sobre o ambiente em que estão inseridos durante grande parte de seus dias, compreendem os possíveis alcances da instituição, assim como suas enormes falhas, mas sempre com esperança pela melhora. Erro nosso os limitar às caixas tão pequenas, os participantes da pesquisa nos mostram que, apesar de todos os desafios educacionais, a escola continua sendo um fator de impulso, de criação e modificação, não somente de reprodução.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

- ANTUNES, K. C. V.; OLIVEIRA, R. R. A. A sociologia no ensino médio: com a palavra os estudantes. **Teoria e Cultura**, Juiz de Fora, v. 12, n. 1, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/12359>. Acesso em: 04 set. 2023.
- ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, maio./jun./jul./ago., 1997, n. 5, set./out./nov./dez., n. 6, 1997.
- ALMEIDA, C.; ROCHA, L. O. Em busca de uma aproximação entre arquitetura e educação. **Revista Notandum Libro**, São Paulo/Porto: FEUSP, n. 13, nov. 2009.
- ANDRADE, Carla Coelho. Juventude e trabalho: alguns aspectos do cenário brasileiro contemporâneo. **Ipea**, v. 37, nov. 2008.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, LDA, 2009.
- BIROLI, Flávia. Divisão sexual do trabalho e democracia. **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 59, n.3, p. 719-681, 2016.
- BODART, Cristiano das Neves. O ensino de Sociologia para além do estranhamento e da desnaturalização: por uma percepção figuracional da realidade social. **Revista Latitude**, v. 15, edição especial, p. 139 - 160, jan. 2021. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/latitude/article/view/11397/pdf>. Acesso em: 18 nov. 2023.
- BODART, Cristiano das Neves; OLIVEIRA, Rafaela Reis Azevedo de. A sociologia no novo currículo do ensino médio de Minas Gerais. **Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais**, v. 6, n. 1, p. 123 - 149, jan./jul. 2022. Disponível em: <https://cabecs.com.br/index.php/cabecs/article/view/388/297>. Acesso em: 18 out. 2023.
- BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Organização de Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

- CARVALHO, Alexandre Filordi de. Foucault e a crítica e a institucionalização da Educação: implicação para as artes do governo. **Pro-Posições**, Guarulhos, v. 25, n. 2, p. 103-120, maio/ago. 2014.
- CONHEÇA o Brasil - Educação. **IBGE Educa**, 2022. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.html>. Acesso em: 14 nov. 2023.
- COMPARATO, Bruno Konder. Ciências Sociais e Educação: atualidade do debate. **Lua Nova**, n. 110, maio./ago. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/PdtQ8Bst5CRq9R39xRsdMgx/?lang=pt>. Acesso em: 18 nov. 2023.
- DAYRELL, Juarez Tarcisio. A escola como espaço sócio-cultural. In: **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001. DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1965.
- FERNANDES, Florestan. 1977. **A sociologia no Brasil: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento**. Petrópolis: Vozes.
- FILHO, Marcos Luiz Vieira Soares. Sociologia para quê? O currículo, a grade disciplinar e o professor de Sociologia no Ensino Médio. **Revista Devir Educação**, Lavras, v. 7, n. 1, 2023. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/367521843_Sociologia_para_que_O_curriculo_a_grade_disciplinar_e_o_professor_de_Sociologia_no_Ensino_Medio. Acesso em: 05 out. 2023.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. ed. 54. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à prática educativa**. ed. 72. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. 35. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 6ª ed. Porto Alegre: Penso, 2012.
- GUIMARÃES, Nadya. Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil. In: Abramo, Helena & Branco, Pedro (orgs.). **Retratos da Juventude Brasileira: análise de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.
- LAHIRE, Bernard. **Sucesso Escolar nos Meios Populares: as razões do improvável**. São Paulo: Editora Ática, 1997.
- LAHIRE, Bernard. **Homem plural: Os determinantes da ação**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável**. São Paulo: Ática, 2004.
- LIMA, Michelle Fernandes; ZANLORENZI, Claudia Maria Petchark; PINHEIRO, Luciana Ribeiro. **A função do currículo no contexto escolar**. Curitiba: InterSaber, 2012.
- LIMA, M. W. S. **A cidade e a criança**. São Paulo: Nobel, 1989.
- IANNI, Octavio. A sociologia numa época de globalismo. In: Org. L. Ferreira Org. **A sociologia no horizonte do século XXI**. São Paulo: Boitempo, p. 13-25, 1997.
- MARTINS, C. H. S; CARRANO, P. C. R. A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar. **Educação**, Santa Maria, v. 36, n. 1, p. 43-56, jan./abr.
- MENDES, Cláudio Lúcio. O corpo em Foucault: superfície de disciplinamento e governo. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, n. 39, p. 167-181, 2006.
- MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. **Resolução SEE nº 4.673, de 09 de dezembro de 2021**. Dispõe sobre critérios e define procedimentos para inscrição e classificação de candidatos à convocação para o exercício de funções do Quadro do Magistério na Rede Estadual de Ensino da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEE/MG). SEE-MG: Belo Horizonte, 2021. Disponível em: <https://www2.educacao.mg.gov.br/images/documentos/Publica%C3%A7%C3%A3o%2011->

12-21%20-%20Resolu%C3%A7%C3%A3o%20SEE%20n%C2%BA%204673-21.pdf.

Acesso em: 15 out. 2023.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. **Currículo Referência Minas Gerais**. SEE - MG: Belo Horizonte, 2021. Disponível em:

<https://www2.educacao.mg.gov.br/images/documentos/Curr%C3%ADculo%20Refer%C3%AAncia%20do%20Ensino%20M%C3%A9dio.pdf>. Acesso em: 14 nov.2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MONGIM, Andrea Bayerl. Itinerários de discentes considerados de classes populares: ingresso na universidade em contexto de ações afirmativas. **Caderno Eletrônico de Ciências Sociais**, Vitória, v. 3, n. 2, p. 143-161.

MORAIS, Amaury Cesar. Licenciatura em ciências sociais e o ensino de sociologia: entre o balanço e o relato. **Tempo Social**, São Paulo, abr. 2003.

OLIVEIRA, Amurabi. Os desafios teórico-metodológicos do Ensino de Sociologia no Ensino Médio. *Perspectivas*, Florianópolis, n. 3, v. 32, p. 1019-1044,

set./dez. 2014. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2014v32n3p1019>. Acesso em: 20 nov. 2023.

OLIVEIRA, A.; CIGALES, M. P. O ensino de Sociologia no Brasil: um balanço dos avanços galgados entre 2008 e 2017. **Revista Temas em Educação**, v. 28, n. 2, p. 42-58, 2019.

Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/46060>. Acesso em: 04 set. 2023.

PAIXÃO, Marcelo. **A Dialética do Bom Aluno**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

RAIZER, Leandro *et al.* O ensino da disciplina de Sociologia no Brasil: diagnóstico e desafios para a formação de professores. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 190, mar. 2017.

Disponível em:

<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/35759>. Acesso em: 15 nov. 2023.

RAMOS, Jhonathas Armond Assis. Pierre Bourdieu e Paulo Freire: um diálogo pela educação. **Revista EntreIdeias**, Salvador, v. 9, n. 3, p. 9-28, set./dez. 2020.

ROVERONI, M.; MOMMA, A. M.; GUIMARÃES, B. C. Educação integral, escola de tempo integral: um diálogo sobre os tempos. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 39, n. 108, p. 223-236, maio/ago. 2019. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/s9H3HrY6rx9XKsgz58jNrhs/>. Acesso em: 14 nov. 2023.

SILVA, C. A. F.; JUNQUEIRA, M. P.; SILVA, G. G. B. Juventude e Sociologia no Ensino Médio: origens sociais, representações estudantis e possibilidades de ensino. **Teoria e Cultura**, Juiz de Fora, v. 16, n. 2, set. 2021. Disponível em:

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/31152>. Acesso em: 06 set. 2023.

SOUSA, A. B. F.; FERNANDES, R. L.; BRAGA, E. M.; SILVA, K. L. F.; JUNIOR, J. F. D. S. Saúde do escolar: a alimentação escolar e sua contribuição para o aprendizado. **Nutrição e Saúde Pública**: Pesquisas emergentes em produção e consumo de alimentos. Editora Científica Digital, 2021.

SOUZA, Leandro Montandon de Araújo. A Sociologia no Ensino Médio: Princípios e ações didáticas orientadoras de um ensino que possibilite o desenvolvimento de adolescentes em uma perspectiva Histórico-Cultural. **Obutchénie**, Uberlândia, n. 1, v. 1, p. 247-257, jan./abr. 2017. Disponível em:

<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/18148>. Acesso em: 13 set. 2023.

TARTUCE, G. L. B. P.; MORICONI, G. M. M.; DAVIS, C. L. F.; NUNES, M. M. R. Desafios do ensino médio no Brasil: iniciativas das secretarias de educação. **Cadernos de Pesquisa**, v. 48, n. 168, p. 478-504, abr./jun. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/z7gwS6rpMRXHC7BY7yDfxsj/>. Acesso em: 14 nov. 2023.

TORRES, Haroldo da G.; FRANÇA, Danilo; TEIXEIRA, Jacqueline; CAMELO, Rafael; FUSARO, Edgard. **O que pensam os jovens de baixa renda sobre a escola**: relatório final. São Paulo: Fundação Victor Civita, 2013.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Roteiro para o Grupo Focal

Roteiro para o Grupo Focal:

TÓPICO 1 - O ESPAÇO ESCOLAR

- 1.1 Como é a relação de vocês com a escola?
- 1.2 Consideram a escola um ambiente saudável?
- 1.3 O que vocês acham sobre os métodos de avaliação utilizados na escola?

TÓPICO 2 - CONHECENDO A SOCIOLOGIA

- 2.1 O que vocês compreendem como sociologia?
- 2.2 Qual foi a primeira impressão de vocês a respeito da disciplina?
- 2.3 Essa impressão inicial mudou com o passar do tempo?
- 2.4 Após a introdução do Novo Ensino Médio, vocês acreditam que as aulas de sociologia foram prejudicadas?
- 2.5 Vocês entendem a sociologia como uma disciplina relevante para a formação dos estudantes?

TÓPICO 3 - A SOCIOLOGIA E O PENSAMENTO CRÍTICO

3.1 Vocês acham que o ensino de sociologia os incentivou a questionar a sociedade?

TÓPICO 4 - SOBRE AS AULAS DE SOCIOLOGIA

4.1 Vocês gostam da aula de sociologia?

4.2 Vocês acham a aula de sociologia diferente das demais? Se sim, por quê? Se não, por quê?

4.3 Vocês se sentem mais confortáveis em discutir, nas aulas da disciplina, temáticas que os impactam diretamente?

4.4 Pensam que o professor de sociologia vai ser mais empático e compreensivo ao discutir assuntos que vocês decidem trazer para a sala de aula?

4.5 Vocês acham que os métodos avaliativos da disciplina são, ou poderiam ser, diferentes do que os das outras matérias?

APÊNDICE B - Questionário

QUESTIONÁRIO:

Esse questionário busca coletar dados sobre o perfil de alguns jovens matriculados no terceiro ano do ensino médio, de uma escola da rede Estadual da cidade de Viçosa, Minas Gerais. A fim de contribuir para o direcionamento de uma pesquisa de TCC sobre a compreensão dos estudantes acerca da disciplina de sociologia, responda as seguintes questões de acordo com seus enunciados:

1] Qual é o seu nome?

_____.

2] Qual é a sua idade?

_____.

3] Qual é a cidade e o bairro onde você mora?

_____.

4] Por meio de qual transporte você vai à escola?

_____.

5] Qual gênero você se identifica?

() Masculino () Feminino () Outro: _____.

6] Assinale de acordo com sua orientação religiosa:

() Católica

() Evangélica

() Espírita

() Umbanda

() Candomblé

- Agnóstico
- Ateu
- Outro: _____.

7] Assinale de acordo com a sua orientação sexual:

- Heterossexual
- Homossexual
- Bissexual
- Outro: _____.

8] Você mora sozinho ou com mais pessoas? Se morar, indique o número de membros contando com você.

_____.

9] Você exerce alguma atividade remunerada? Se sim, qual?

_____.

10] Indique o grau de escolaridade da sua mãe ou responsável:

- Ensino Fundamental Incompleto
- Ensino Fundamental Completo
- Ensino Médio Incompleto
- Ensino Médio Completo
- Ensino Superior Incompleto
- Ensino Superior Completo

11] Indique o grau de escolaridade do seu pai:

- Ensino Fundamental Incompleto
- Ensino Fundamental Completo
- Ensino Médio Incompleto
- Ensino Médio Completo
- Ensino Superior Incompleto
- Ensino Superior Completo

12] Indique a alternativa que se aproxima da sua renda. Se você mora com mais pessoas, indique a alternativa que totalize a renda de todos os membros:

- De um até três salários mínimos
- De três até quatro salários mínimos
- De quatro até seis salários mínimos ou mais

13] Quais as suas perspectivas ao concluir o ensino médio?

_____.

14] Você considera necessário trabalhar para dar continuidade aos estudos?

15] Você já realizou algum ENEM ou irá realizar o exame este ano?

16] Você se sente estimulado por seus familiares a continuar estudando?

17] Na sua família tem pessoas que estudaram em uma Universidade?

18] Você acredita em seu potencial de ser aprovado em uma Universidade? Explique.
